

VOCAÇÃO E FORMAÇÃO: dom e tarefa

“Jesus chamou pessoalmente seus apóstolos para que ficassem com Ele e para enviá-los a proclamar o Evangelho... Ele chama para vivermos na Igreja o projeto de nosso Fundador como apóstolos dos jovens. Respondemos a esse apelo com o empenho de uma formação adequada e contínua, para a qual o Senhor dá cada dia a sua graça”. (Const. 96)

- **1 A CONSISTÊNCIA E A FIDELIDADE VOCACIONAL, DESAFIOS PARA A VOCAÇÃO.**
 - **1.1 As motivações.**
 - **1.2 Oportunidades e desafios antropológicos.**
 - Autenticidade.
 - Liberdade.
 - Historicidade.
 - Experiência.
 - Relações humanas e afetividade.
 - Pós-modernidade.
 - Multiculturalidade.
 - Renúncia.
 - Fidelidade.
- **2 VOCAÇÃO E FORMAÇÃO, DOM E MISSÃO.**
 - **2.1 Vocação: a graça como origem.**
 - **A vida como vocação.**
 - A vida, Palavra de Deus.
 - A vida, resposta devida a Deus.
 - **Vocação, tarefa de uma vida.**
 - A vocação, missão dialogada.
 - A missão, casa e causa da formação.
 - **2.2 Formação: a graça como tarefa.**
 - **Identidade carismática e identificação vocacional.**
 - **Objetivos da formação.**
 - 1°. Enviados aos jovens: conformar-se com Cristo Bom Pastor.
 - 2°. Feitos irmãos para uma única missão: fazer da vida comum lugar e objeto de formação.
 - 3°. Consagrados por Deus: testemunhar a radicalidade do evangelho.
 - 4°. Partilhando vocação e missão: animar comunidades apostólicas no espírito de Dom Bosco.
 - 5°. No coração da Igreja: edificar a Igreja, sacramento de salvação.
 - 6°. Abertos à realidade: inculturar o carisma.
 - **Metodologia formativa.**
 - 1°. Chegar à pessoa em profundidade.
 - 2°. Animar uma experiência formativa unitária.
 - 3°. Garantir o ambiente formativo e a corresponsabilidade de todos.
 - 4°. Dar qualidade formativa à experiência cotidiana.
 - 5°. Qualificar o acompanhamento formativo.
 - 6°. Dar atenção ao discernimento.
 - **2.3 Formação: prioridade absoluta. Oração conclusiva**

Roma, 31 de março de 2013.

Páscoa da Ressurreição

Queridos irmãos,

há muito tempo, eu desejava compartilhar com vocês a minha reflexão sobre o tema da vocação e da formação. Hoje, finalmente, posso fazê-lo com esta carta, que pretende ilustrar a beleza e as exigências da nossa vocação e formação e, ao mesmo tempo, a situação atual de fragilidade psicológica, inconsistência vocacional e relativismo ético que se manifestam na Congregação em quase todos os lugares. A situação evidencia claramente a falta de apreço pelo significado da vocação e o papel insubstituível que a formação tem na apreciação da idoneidade dos candidatos, na consolidação das primeiras opções vocacionais e, sobretudo, na progressiva configuração a Cristo obediente, pobre e casto nas pegadas de Dom Bosco.

É, de fato, preocupante o elevado número de saídas tanto de professos temporários durante o período da profissão ou ao final dos votos, quanto de professos perpétuos, ou ainda de sacerdotes que pedem a secularização para se incardinarem nas dioceses ou apresentam o pedido de dispensa do celibato sacerdotal e do ministério presbiteral ou – ai de mim – são demitidos.

É verdade que a Congregação como tal, e o Conselheiro para a formação em especial, fez um grande esforço para garantir a consistência das equipes formadoras, a qualidade da proposta e dos itinerários formativos, a qualificação e a identidade dos currículos de estudo, a salesianidade, a metodologia da personalização, a formação dos formadores, a incipiente atenção à formação permanente. Todavia, o problema continua a chamar a atenção, pedir o aprofundamento da reflexão e exigir intervenções corajosas de animação e de governo em todos os níveis.

Estou convencido de que a formação inicial é tarefa irrenunciável da Congregação, responsável última da identidade salesiana e da unidade na diversidade dos contextos, e que especialmente as decisões formativas fundamentais cabem ao Reitor-Mor e ao seu Conselho. Estou também convencido de que as Inspetorias têm um papel importante na orientação e no apoio às comunidades formadoras e aos centros de estudo, sobretudo em vista da inculturação da formação; e isso comporta o seu decidido investimento de pessoal e recursos a serviço da qualidade formativa.

Entretanto, creio que é, sobretudo, a vida ordinária das comunidades apostólicas locais a jogar afinal um papel determinante. De fato, de pouco ou nada serve uma formação de qualidade nas comunidades formadoras, que ajudam o desenvolvimento dos jovens irmãos segundo o Projeto de vida de Dom Bosco, se, depois, se vive nas comunidades locais um estilo de vida que não corresponde ao mesmo projeto, ou o despreza, ou até mesmo o renega. É justamente a falta de uma autêntica “cultura salesiana” a dar guarida a atitudes e comportamentos não correspondentes a consagrados apóstolos salesianos. Tudo isso evidencia que a preocupação com a *vocação* e a *formação* envolve todos os irmãos individualmente, todas as comunidades locais, todas as Inspetorias, a Congregação em seu conjunto. Além da formação inicial, é também preciso um sério esforço pela formação permanente, que permita a mudança da cultura de uma Inspetoria.

Não é a primeira vez que levo à atenção de vocês para este delicado tema da formação inicial e do estilo de vida, da mentalidade, das atitudes e comportamentos de uma Inspetoria. Já o tinha apresentado brevemente no relatório ao CG26, e não me parece que a situação tenha se alterado.

1. A CONSISTÊNCIA E A FIDELIDADE VOCACIONAIS, DESAFIOS DA FORMAÇÃO

A *consistência vocacional* foi um dos temas que mais atraiu a nossa atenção desde o início do meu reitorado. Sobre o tema, o Conselho Geral fez uma reflexão que se expressou com uma orientação do Conselheiro para a formação.^[1] O tema foi depois retomado pela União dos Superiores Gerais (USG), que lhe dedicou duas Assembleias Semestrais.^[2] Isso indica que o problema envolve todas as Ordens, as Congregações e os Institutos, tanto de vida apostólica como contemplativa. O estudo feito examinou uma multiplicidade de causas que estão à base da fragilidade psicológica, da inconsistência vocacional e do relativismo moral.

Para maior conhecimento de todos, acredito ser útil apresentar aqui a situação das entradas e saídas na Congregação, durante a formação tanto inicial como permanente, no último decênio:

Formação inicial

Ano	Noviços[3]	Noviços saídos	Neoprofessos saídos	Temporários saídos	Neoprofessos perpétuos	Neoperpétuos clérigos	Neoperpétuos coadjutores	Neosacerdotes
2002	607	137		231	249	217	32	262
2003	580	111	470	225	254	221	33	218
2004	594	118	469	211	281	242 +1P	38	203
2005	621	151	476	237	249	219 +2P	28	230
2006	561	137	470	227	260	221 + 2P	37	192
2007	527	110	424	200	219	205	14	175
2008	557	121	417	216	220	200	20	222
2009	526	109	436	225	265	246	19	195
2010	532	125	417	222	177	161 +1P	15	203
2011	414	40	407	185	231	210 + 1P	20	206
2012	480	-	374	174	262	237	25	189

Formação permanente

Ano	Perpétuos clérigos saídos	Perpétuos coadjutores saídos	Dispensa de celibato diáconos	Dispensa de celibato padres[4]	Exclusão tração	Seculariz. previo experimento	Seculariz. simpliciter	Demissão
2002	8	12	3	15	18	7	11	24
2003	10	14	4	11	10	3	10	25
2004	14	15	3	20	14	9	12	26
2005	11	15	1	15	10	9	10	26
2006	13	10	3	27	11	11	11	26
2007	15	11	3	18	9	12	18	24
2008	8	6	5	18	5	12	14	24
2009	12	13	2	9	6	14	10	36
2010	9	9	1	11	0	29	8	38
2011	10	12	3	11	3	17	11	30
2012	8	11	1	33	4	23	15	29

Noviços segundo as Regiões

Ano	América Cone Sul	América Interamérica	Europa Oeste	Itália Oriente Médio	Europa Norte	África Madagascar	Ásia Leste Oceania	Ásia Sul
2002	76	110	11	43	71	55	80	135
2003	69	111	6	27	59	84	79	144
2004	86	98	12	25	51	92	84	145
2005	97	92	14	18	71	95	74	160
2006	76	88	3	22	47	92	75	158
2007	76	97	6	22	51	94	73	108
2008	58	105	4	18	48	100	89	135
2009	64	91	8	24	40	89	64	146
2010	40	73	1	18	55	114	93	138
2011	46	46	7	15	29	94	60	117
2012	43	63	3	21	38	107	69	136

A preocupação com as vocações e a formação sempre tiveram de enfrentar desafios antropológicos, sociais e culturais. Isso significa simplesmente que hoje devemos lidar com um tipo de desafios que exigem soluções novas, justamente porque nos encontramos diante de um jovem culturalmente novo, caracterizado pela dificuldade de optar e de considerar determinada opção como definitiva, pela falta de coragem para perseverar e viver a fidelidade, pela incompreensão da necessidade de ascese e de renúncias, pela fuga do sofrimento e da luta. O jovem sente a necessidade da afirmação de si no plano profissional e econômico; deseja independência e proteção ao mesmo tempo; acha difícil valorizar o celibato e a castidade, deformados pelo panorama difundido pelos meios de comunicação social; e – *last but not least* – vive o analfabetismo da fé e uma experiência pobre de vida cristã.^[5] Ao lado destes aspectos de fragilidade, os jovens apresentam certamente recursos e capacidades positivas: a busca de relações interpessoais significativas, a atenção à afetividade, a disponibilidade e a generosidade no trabalho gratuito e no voluntariado, a sinceridade e a busca de autenticidade.

A formação para a fidelidade a Deus, à Igreja, ao próprio Instituto, aos destinatários começa no momento da seleção dos candidatos. É preciso mirar muito mais sobre personalidades proativas, com espírito de iniciativa e de empreendedorismo, capazes de fazer opções livres e de organizar a vida ao redor delas, sem condições externas ou internas. Acrescenta-se a isso a necessidade do discernimento que tenha um duplo ponto de referência: de um lado, a criteriologia sobre a idoneidade, compartilhada pela equipe dos formadores e, de outro, a presença clara no candidato das qualidades que favoreçam a identificação com o projeto de vida evangélico. Isso requer organizar sempre mais a formação sobre a personalização, entendida como aprofundamento das motivações, aceitação pessoal de valores e atitudes concordes com a vocação consagrada salesiana, acompanhamento qualificado da parte dos formadores.

Temos na *Ratio* e em *Critérios e normas* dois documentos muito preciosos, fruto da experiência e da prática formativa da Congregação, das contribuições das ciências humanas, do confronto com as “Ratio” de outras Ordens, Congregações e Institutos religiosos, mas que, infelizmente, nem sempre são bem conhecidos e aplicados por todas as equipes formadoras. Pode-se errar em outros campos, mas não no campo da formação, porque isso significa arruinar gerações de Salesianos, pôr em xeque a missão e comprometer a própria instituição. Não nos podemos esquecer de que a identidade, a unidade e a vitalidade da Congregação dependem em grande parte da qualidade da formação e do governo nos diversos níveis: local, inspetorial e congregacional.

Vale ressaltar novamente e explicitar mais que a formação é tarefa da Congregação, que confia às Inspetorias o dever de realizá-la, garantindo as condições de pessoal, estruturas, recursos que a tornam possível. Não se justifica, então, o desejo de uma Inspetoria querer todas as etapas formativas em seu interior; em vez disso, reflita-se sobre a responsabilidade de formar o salesiano exigido hoje pela Congregação, pela Igreja e pelos jovens. Existem ainda resistências a experiências interinspetoriais de comunidades formadoras; mesmo não podendo garantir uma boa formação por falta de formandos ou formadores, algumas Inspetorias continuam a querer caminhar sozinhas. Insisto que a formação é questão de competência congregacional e não só de responsabilidade inspetorial; as pessoas são o dom mais precioso da Congregação, que confia a realização concreta da formação inicial a Inspetorias, grupos de Inspetorias ou Regiões. Surge então a urgência inevitável de cuidar bem das comunidades de formação inicial, de qualificar os centros de estudo, de preparar formadores e não só professores, mas também de garantir a vitalidade de todas as comunidades na Inspetoria, a qualidade da fé, a radicalidade da *sequela Christi* de cada irmão.

1.1. As motivações

O ponto de partida é, com frequência, uma concepção equivocada de vocação; às vezes, ela é identificada com um projeto pessoal motivado pelo desejo de autorrealização, pela sensibilidade social pelos mais pobres ou pela busca de vida tranquila, sem grandes compromissos e sem a entrega total, incondicionada, a Deus e à missão em comunidade.

Essas motivações não são válidas ou, ao menos, não são suficientes para poder acolher o dom da vida consagrada; elas nem sempre são expressões de fé, mas de voluntarismo (“quero ser religioso”, “decidi ser salesiano”...) ou de sensibilidade social (“sinto-me chamado a servir os pobres, os meninos de rua, os indigentes, os imigrantes, os dependentes de drogas...”) ou de busca de segurança.

Esquece-se que a vida só é descoberta como vocação à luz da fé e que, com maior razão, o chamado à vida consagrada só pode existir na perspectiva da fé no Senhor que chama aqueles que Ele quer para estar com Ele, segui-lo, imitá-lo e, depois, enviá-los a pregar. Dessa forma, a *sequela Christi* e a *imitatio Christi* tornam-se os elementos caracterizadores da vida dos discípulos e apóstolos de Jesus; e é caminhando no seu seguimento e procurando reproduzir suas atitudes, que nos identificamos com Ele até a plena configuração com Ele.

É verdade que, inicialmente, podem existir motivações não totalmente válidas e, portanto, insuficientes, para justificar e tornar possível uma opção radical de vida, toda ela centrada em Deus, no Senhor Jesus e no seu Evangelho, no Espírito. Tarefa da verdadeira formação é ajudar a identificar, examinar, discernir as motivações e, depois, purificá-las e fazê-las amadurecer de tal modo que elas tenham Deus e a sua vontade como valor supremo.

Essa tarefa inevitável é muito delicada; de fato, muitas motivações são inconscientes, levando o candidato a exprimir motivações que sentiu e aprendeu, sem poder conhecer e fazer conhecer as reais. Não se pode esquecer que o Evangelho fala de um indivíduo que, depois de ser curado por Jesus, expressara o desejo de ficar com ele; o Senhor não permitiu, mas lhe disse: “Vai para casa, para junto dos teus, e anuncia-lhes tudo o que o Senhor, em sua misericórdia, fez por ti” (Mc 5,19).

Além disso, também se deve considerar a cultura que distingue as novas gerações. A União dos Superiores Gerais dedicou duas Assembleias a este aspecto. Na primeira, procurou conhecer melhor o perfil dos jovens que hoje batem às portas da Vida Consagrada, os valores aos quais são mais sensíveis, os desafios que apresentam à formação e que podem ser convertidos em oportunidades formativas. Na segunda, houve uma abordagem do tema da fidelidade, que não se identifica com a perseverança; na verdade acontece, às vezes, que alguns religiosos perseverem, no sentido de permanecerem, quando teria sido melhor que deixassem o Instituto; fidelidade não é apenas permanecer exteriormente fiéis a uma profissão feita ao Senhor, mas é o compromisso de viver cotidianamente o que se professou.

1.2. Oportunidades e desafios antropológicos

Na Assembleia da USG de maio de 2006, fui convidado a oferecer uma reflexão sobre os desafios antropológicos à fidelidade vocacional da vida consagrada, que creio importante propor-lhes. Há alguns elementos constantes no modo de perceber o humano e suas possibilidades, que poderíamos dizer que são uma visão intercultural e prevalente. A felicidade e a realização de si, os desejos e as aspirações, os afetos e as emoções são oportunidades e desafios. Embora desafiadores estes aspectos antropológicos são imprescindíveis para qualquer vida consagrada que deseje ser plenamente humana e, por isso, crível. Eles são a base para uma boa formação à fidelidade vocacional.

Autenticidade

A atual situação antropológica oferece à vida consagrada a oportunidade de uma autenticidade renovada. De fato, a cultura de hoje, especialmente a juvenil, valoriza a autenticidade. As pessoas querem ver-nos felizes. Querem ver que aquilo que dizemos está de acordo com o que fazemos e que as nossas palavras são genuínas, porque nascem da coerência de vida.

A autenticidade é uma verdadeira *oportunidade* porque se apoia na generosidade e no desejo de fraternidade dos jovens, no dom de si e na alegria do encontro, que são dinamismos muito enraizados e fortes para o crescimento na vida consagrada genuína e no amor que se doa. Ela estimula e encoraja os membros mais velhos das nossas comunidades a serem verdadeiros modelos atraentes e provocadores, a

viverem o amor por Cristo que os inspirou a abraçar a vida consagrada e entenderem que têm um papel a jogar na formação das jovens gerações. A autenticidade exige atenção à dimensão humana do consagrado e da vida cotidiana das comunidades.

A autenticidade também é *desafio*, porque exige retornar ao essencial, a superar principalmente a funcionalidade que reduz a vida consagrada à função, ao cargo ou à profissão, comprometendo a paixão do dom de si a Cristo e à humanidade. A autenticidade solicita todos os dias a conversão e a renovação de nossas comunidades e a compreensão dos conselhos evangélicos como itinerário para a plena realização da pessoa. A autenticidade desafia a vida consagrada, ameaçada todos os dias pela insídia da mediocridade e da inércia, pelo perigo de confundir-se e nivelar-se aos valores do “mundo”.

Liberdade

Ser pessoa significa ter a vida nas próprias mãos, ou seja, decidir o que se quer fazer da própria vida. A liberdade é responsabilidade de construir-se, é possibilidade, é futuro.

A liberdade é uma *oportunidade* porque só através dela é possível chegar à interiorização dos valores e à personalização dos processos de formação e, portanto, à verdadeira maturidade.

A liberdade também é um *desafio* porque requer que se saiba unir autorrealização e projeto, autoformação e acompanhamento, inclusive o acompanhamento espiritual. É preciso dar aos jovens o tempo necessário para crescer e chegar à maturidade de acordo com o seu passo; nem sempre há correspondência e coerência entre as etapas canônicas e as etapas da maturidade e da decisão pessoal. A opção pessoal, convicta e madura nem sempre corresponde à ordenação presbiteral e à profissão perpétua; por isso, é preciso formadores capazes de uma formação personalizada.

Historicidade

O homem é um ser *in fieri* e a sociedade está em contínua evolução. Constrói-se a pessoa no tempo; sua autobiografia é a linha que liga a diversidade das experiências. A narração da própria história de vida garante a própria identidade pessoal.

A historicidade é, então, uma *oportunidade* porque nos faz reconhecer que a nossa vida é um caminho e a nossa formação, um processo jamais concluído. A vida é autorrealização e construção de si. A vida é uma música contínua, que se estende entre a formação inicial e a formação permanente. E as mudanças da sociedade obrigam a vida consagrada à renovação e adaptação contínuas; convidam-na a reapresentar-se com a linguagem do homem de hoje.

A historicidade é também um *desafio* porque requer que a formação, enquanto permanente, anime e oriente toda a formação inicial; não é suficiente mirar sobre os jovens e sua formação; é preciso colocar novamente em movimento todas as comunidades e o Instituto, encorajando todos os membros a viverem “o primeiro amor”, a paixão vocacional que tinham no início de sua vida consagrada. O itinerário da própria vida também se arrisca a dobrar-se narcisisticamente sobre si mesmo e não se abrir ao dom de si. A fragmentação domina um mundo que se transforma e está sem um centro; a formação deve servir, então, para unificar a pessoa e centrá-la no essencial que é a seqüela de Cristo.

Experiência

Hoje, é preciso superar a formação intelectualista que pretenda interiorizar conteúdos vitais sem fazer experiência deles e sem integrá-los na vivência cotidiana. Há um grande desejo de experiências; buscam-se as experiências mais emocionantes; deseja-se fazer as próprias experiências.

A experiência é uma *oportunidade* porque quando se aprende da vida, a formação torna-se mais personalizada, concreta e profunda. Ela é necessária para todos, não só para os jovens; também os irmãos

adultos precisam de uma experiência intensa e autêntica de Deus, do carisma, dos pobres, de relações fraternas e comunicativas.

A experiência também é um *desafio* porque a experiência pode ser fim em si mesma, enquanto seria preciso fazer experiência dos valores. As diversas experiências podem ser fragmentadas e isoladas; é preciso, então, a ajuda de um guia espiritual, que facilite a unificação das experiências e promova a interiorização dos valores. Não se trata de fazer muitas experiências, mas de escolhê-las poucas e bem preparadas, experiências fortes, que exijam atenção pedagógica para que as *experiências* pontuais tornem-se *experiência* pessoal.

Relações humanas e afetividade

Sente-se na cultura atual uma grande necessidade de relações humanas autênticas. Há nos jovens uma forte sede de fraternidade e amizade, de relações informais e afetuosas; mas também os adultos buscam relações enriquecedoras e significativas. Para ser profecia, a vida fraterna deve ter algo a dizer sobre a capacidade de tecer relações, deve ser atraente em seu rosto humano, deve ser capaz de criar ambientes de família.

O desejo de encontro constitui certamente uma *oportunidade* porque encaminhar-se para o aprofundamento das relações humanas personaliza a fidelidade e torna possível convidar outros para entrarem numa verdadeira relação de autenticidade e comunicação, mas, sobretudo de amor e de compromisso com a pessoa de Jesus Cristo. A fraternidade leva a dar maior atenção aos aspectos cotidianos da vida em comum. Sente-se, contudo, a necessidade de alargar as relações e cuidar dos afetos.

A fraternidade também é um *desafio* porque exige mirar sobre a conversão e a renovação das nossas comunidades. Que ambiente humano encontra o jovem candidato em nossas comunidades e que comunicação encontram os irmãos adultos? Trata-se de um desafio que se apresenta sobre a questão de como “regenerar” as comunidades, especialmente quando envelhecem. É um desafio porque não é fácil encontrar formadores equilibrados e capazes de abordagem pessoal, que sabem evitar o individualismo e oferecer um sábio acompanhamento pessoal e espiritual. É difícil, portanto, criar o equilíbrio emocional e afetivo nas próprias relações e na própria vivência.

Pós-modernidade

Para ser profecia para o mundo pós-moderno, a vida consagrada deve saber suscitar fascínio e fazer redescobrir a sua beleza.

Em geral, o confronto com a cultura pós-moderna é uma *oportunidade* para propor os valores da vida consagrada como estímulo, purificação e alternativa aos valores do mundo: por exemplo, a fidelidade numa cultura que se vangloria de ser infiel; a vida de fé numa sociedade sem referências aos valores religiosos; o otimismo e a esperança num mundo cheio de medo. É também uma oportunidade para orientar a generosidade dos jovens, a sua sede de fraternidade, o seu desejo de realização pessoal, a sua busca de Deus.

O confronto com a cultura pós-moderna é também um *desafio* porque a cultura prevalente das mídias promete uma felicidade falsa, mas atraente; cabe-nos oferecer, sobretudo aos jovens, uma experiência pessoal e autêntica de Cristo e demonstrar com palavras e fatos que a vida consagrada favorece a plena realização da pessoa. É preciso uma nova atualização carismática, profética e crível; ao mesmo tempo, é preciso um novo equilíbrio carismático entre o seu frescor de renovação e as suas expressões históricas.

Multiculturalidade

Vivemos num mundo que se torna sempre mais “aldeia planetária”: do individualismo cultural vai-se passando ao encontro, não sem resistências, de diversos mundos culturais. É um mundo caracterizado pela globalização, pela rapidez das mudanças, pela complexidade, fragmentação e secularização. O consagrado

vê nisso tudo a ação do Espírito de Deus que, em todas as situações, age onde quer, como quer e quando quer.

A diversidade cultural é uma *oportunidade* porque favorece a solidariedade, a aceitação das diversidades, as experiências de voluntariado, a empatia pelos pobres, o respeito ecológico, a busca da paz. Favorece também a internacionalização e a experiência de universalidade das comunidades de vida consagrada como disponibilidade ao serviço quando este for exigido. Dessa forma, o carisma se enriquece. Favorece nas jovens gerações dinamismos de conhecimento, acolhida e diálogo.

A diversidade cultural também é um *desafio* porque é difícil para a maior parte dos consagrados adultos entrarem na experiência multicultural. Surge, então, a necessidade de repensar a linguagem e a maneira de transmitir os valores entre mundos antropológicos distantes e estranhos. Formar para a fidelidade num mundo constantemente em mudança e culturalmente pluridirecional, tornar possível a vida de fé numa sociedade tendencialmente sem referências aos valores religiosos e cristãos tornam árdua a tarefa formativa que deve ser permanente e aberta a experiências interculturais.

Renúncia

A renúncia é parte essencial da vida e, portanto, também da vida consagrada; quando assumida positivamente, torna-se experiência libertadora e enriquecedora. Não se pode escolher tudo, mesmo se quem vive por amor e escolhe o amor, vive uma experiência totalizante.

A renúncia é uma *oportunidade* para viver a nossa vida consagrada com autenticidade e fazer dela uma verdadeira “terapia espiritual” para a humanidade. Ela purifica o amor e torna-o autêntico.

A renúncia é também um *desafio* porque a vida consagrada oferece um itinerário privilegiado de vida, protegendo com frequência o consagrado dos problemas e dos compromissos da vida normal. Na verdade, a tentação consumista, a vida confortável, o bem-estar, as viagens e a posse das ‘mídias pessoais’ tocam os consagrados em todas as culturas. É preciso retornar ao essencial em nossa vida e nas estruturas. Para os jovens, de modo especial, mas não só, a renúncia pode ser um problema. Devemos ajudá-los a compreender que não se trata de sacrificar alguma coisa, mas de escolher alguma coisa, ou melhor, Alguém: o Senhor Jesus e a sua sequela. N’Ele, encontra-se plena liberdade, alegria e realização. Isso significa ser abertos a permitir que Jesus entre em nossa vida e tome nela o primeiro lugar; sejamos abertos para sermos livres de condicionamentos que nos possam impedir de fazer e viver esta escolha radical.

Fidelidade

A fidelidade é consequência óbvia da opção que o consagrado faz por Deus, suscitando em sua vida o fogo da paixão por Ele e pelo Senhor Jesus, até a oferta da própria vida para sempre.

A fidelidade é uma *oportunidade* porque torna sempre mais profunda e personaliza a relação com o Senhor Jesus e o seu Reino. Permite testemunhar Deus como valor absoluto e permanente, que avigora no turbilhão das mudanças culturais. Ajuda a ver o mundo com olhares positivos e descobrir as experiências positivas de fidelidade na família, na comunidade, na Igreja, como ação do Espírito na história. Permite também ver o sentido dos sacrifícios que o consagrado é chamado a fazer.

A fidelidade também é um *desafio* porque é agitada pela situação fragmentada e passageira da cultura atual. Nesse sentido, precisa ser constantemente acompanhada de forma pessoal e comunitária para passar do narcisismo à morte de si mesmo na sequela de Cristo. Por outro lado, a fidelidade não pode permanecer apenas em nível conceitual; deve ser fidelidade viva, de encontro com Cristo, que envolva toda a pessoa e leve o consagrado das “experiências” fragmentadas à “experiência” fundante. Além disso, a fidelidade do consagrado é um desafio permanente que deve ser aprofundado, que se traduz na questão cotidiana: a quem sou fiel? A fidelidade é um desafio que requer a criação de comunidades fiéis que gerem fidelidade, ajudem a passar da superficialidade à raiz profunda da fidelidade, construam e renovem a fidelidade

carismática e conheçam o caminho e a dinamicidade de seus processos. A fidelidade não é mais considerada como realidade que perdura por toda a vida, mas que pode existir apenas como fidelidade “temporária”; por isso, em algumas Congregações retorna com frequência a questão de considerar a possibilidade de incorporar algum tipo de compromisso temporário na vida consagrada. Nós salesianos já nos pronunciamos contrariamente a isso. Parece-nos mais que seja preciso formar os irmãos para serem capazes de uma entrega total ao Senhor para sempre.

Não resta dúvida de que a riqueza e a diversidade do ser humano, possível hoje, ofereçam grandes oportunidades de valorização, juntamente com as tarefas formativas para a vida consagrada. Isso não esvazia a contribuição determinante da graça e do Espírito, que agem justamente nos dinamismos psicológicos e antropológicos da pessoa. Por isso, a formação estará atenta para favorecer o Espírito, justamente a partir destas expressões do humano a fim de levá-las à sua maturidade e plenitude.

2. VOCAÇÃO E FORMAÇÃO, DOM E TAREFA

Coloca-se a questão: por que devemos nos empenhar em formar os que são chamados por Deus e que por Ele nos são enviados? Justamente porque na Congregação nós os consideramos como dom de Deus aos jovens, temos tanto cuidado por eles e sentimos a responsabilidade de ajudá-los a viverem à altura da vocação recebida. Procuremos aprofundar, então, os dois elementos inseparáveis do verdadeiro chamado, ou seja, a vocação e a formação, o dom e a tarefa, que são como duas faces da mesma medalha.

O primeiro dos artigos dedicados pelas Constituições à formação apresenta uma afirmação fundamental, verdadeira profissão de fé, formulada do ponto de vista da pessoa chamada: “Respondemos a esse apelo com o empenho de uma formação adequada e contínua” (Const. 96).^[6]

Assim sendo, as Constituições entendem a formação como resposta à vocação. Não a identificam com o longo período de tempo que precede a integração plena e definitiva na missão comum nem, menos ainda, a reduzem a mero estudo, religioso e profissional, ao qual é preciso dedicar-se como preparação específica em vista da missão pessoal. Tudo que se deve fazer para reconhecer, assumir e identificar-se com o projeto ao qual Deus nos chama é formação: “*formação é acolher com alegria o dom da vocação e torná-lo real em cada momento e situação da existência*”.^[7] Ao nos chamar, Deus nos identificou. E nós só Lhe respondemos adequadamente quando nos identificamos com o seu chamado. A identidade salesiana não se amolda, portanto, ao que já somos, nem ao que desejamos ser; ela coincide, porém, com o projeto de Deus, com o que Ele quer que sejamos. Pois bem, identificar-se com o que Deus quer de nós é o objetivo de toda formação. *Salesiano, sê aquilo que és chamado a ser!* O chamado de Deus, que é graça imediata, precede e motiva o esforço de adequar-se a ela, e é nisso que consiste fundamentalmente a formação, “para a qual o Senhor dá cada dia a sua graça” (Const. 96): vocação e formação são duas formas de realizar a graça em nós; a vocação é a graça de ser chamado, que precede, acompanha e requer a formação; a formação é a graça de ser digno da vocação a cultivar, manter e aprofundar sempre mais.

2.1. Vocação: a graça como origem

“Nossa vida de discípulos do Senhor é uma graça do Pai que nos consagra com o dom do seu Espírito e nos envia para sermos apóstolos dos jovens” (Const. 3).

A vocação nunca é *projeto pessoal de vida*, que o indivíduo realiza com suas próprias forças ou alimenta com seus melhores sonhos; é, sobretudo, *apelo* d’Aquele que, o precedendo e transcendendo, propõe ao pré-escolhido uma meta que vai além de si mesmo e de suas possibilidades. No primeiro caso, a pessoa sente *a vontade e o entusiasmo de fazer alguma coisa em sua vida*, ou melhor, propõe-se – acredita ser capaz de – fazer alguma coisa da própria vida. No segundo caso, sente-se *desejado para fazer alguma coisa da própria vida*, algo que só poderá imaginar e individualizar se responder ao chamado pessoal. Crer-se chamado significa saber-se pré-escolhido (cf. Jo 15,16). “É seu [de Deus] o primado do amor. A sequela é apenas resposta de amor ao amor de Deus. Se ‘nós amamos’ é ‘porque Ele nos amou por primeiro’ (1Jo

4,10-19). Isso significa reconhecer o seu amor pessoal com a consciência íntima que fazia dizer ao apóstolo Paulo: ‘Cristo *me* amou e se entregou *por mim*’ (Gl 2,20)”.[\[8\]](#)

A vida como vocação

“A vida de cada pessoa é vocação e como tal deve ser compreendida, acolhida e realizada”.[\[9\]](#) Antes de conhecer, em quem é chamado, o destino da própria vida, antes de reconhecer-se chamado a fazer alguma coisa da própria vida, o crente sabe que é chamado por Deus pelo simples fato de viver: “Ele nos fez e nós somos seus”, reconhece o salmista (Sl 100,3).

A vida, Palavra de Deus

A vida, a própria existência, é palavra de Deus e, ao mesmo tempo, resposta devida ao próprio Deus. É o que nos recorda a história de Ana, mãe de Samuel, que pede um filho, e quando o recebe sente que aquele filho pertence a Deus e, de fato, o leva ao Santuário de Silo para “ser apresentado ao Senhor, e ali ficar para sempre”: “Eis o menino por quem eu pedi, e o *Senhor ouviu a minha súplica*. Por isso, eu *o ofereço agora ao Senhor*, a fim de que só ao Senhor ele sirva” (1Sm 1,22.27-28). Ao chamar o homem, Deus o chamou à existência; a pessoa chamada é obrigada a responder; com a vida dada, Deus impôs-nos o diálogo como modo de existir na sua presença. Sendo imagem de Deus, que pensou em nós dialogando consigo mesmo, só podemos viver em diálogo com este Deus. A vida é um pronunciar-se de Deus a nosso favor, exigindo, portanto, o pronunciar-se do homem a favor d’Ele; não é um acaso se nascemos do nada para o interior de um colóquio divino: Aquele que nos imaginou dialogando com Ele, pôde considerar-nos imagem sua para que possamos dialogar como Ele e com Ele.

“Desde que o crente foi chamado à vida por Deus, ele reconhece que a sua presença no mundo não obedece a uma decisão pessoal: não vive quem quer, quem desejou viver, mas quem foi desejado e amado... Justamente porque a vida é efeito da vontade divina, não pode ser vivida fora do âmbito da sua vontade: quem não existe porque assim o quer, não deverá existir como lhe pareça; a vida dada apresenta limites a respeitar (Gn 2,16-17) e tarefas a realizar (Gn 1,28-31). O homem bíblico, pelo simples fato de viver, sabe-se chamado por Deus e responsável diante d’Ele: vive porque Deus o quis e para viver como Deus quer...; sabe que está vivo, porque foi chamado por Deus; sabe que viverá, se permanecer fiel à vocação (Gn 3,17-19)”.[\[10\]](#)

E é assim, identificando-nos com o chamado de Deus, que encontramos o nosso bem e encontramos a nossa liberdade: “Cada um encontra o próprio bem, aderindo ao projeto que Deus tem para ele a fim de realizá-lo plenamente: com efeito, é em tal projeto que encontra a verdade sobre si mesmo e, aderindo a ela, torna-se livre” (cf. Jo 8,32)”.[\[11\]](#)

A vida, resposta devida a Deus

Pelo simples fato de existir, o homem deve ser responsável: sendo o único ser vivo que reflete a natureza dialógica de Deus (Gn 1,26), deverá assumir pessoalmente a responsabilidade pela criação (Gn 1,3-25), a responsabilidade de procriar (Gn 1,27-30; Sl 8,6-9; Sr 17,1-10) e a responsabilidade sobre seu irmão (Gn 4,9). Esta responsabilidade, da qual depende a sua relação com Deus e que se realiza na guarda do mundo e do irmão, é uma dívida permanente do homem; ele a salda na medida em que, cuidando da criação em nome e no lugar de Deus, permanece em diálogo com Ele.

O homem bíblico vive, portanto, diante de Deus com uma dívida permanente de resposta. Aquele que deve sua vida à Palavra de Deus, não pode permanecer em silêncio à sua presença; o crente que se cala diante de Deus, deixou de existir para Deus; Ele nos imaginou falando, e somos imagem sua se permanecermos em diálogo com Ele: só os mortos não podem recordar-se d’Ele, só os mortos não O louvam (cf. Sl 6,6; 88,11-13; Is 38,18). Tudo o que nos é dado pela vida pode ser motivo de oração[\[12\]](#) e é tarefa cuja responsabilidade se deve assumir pessoalmente: não há nenhuma situação humana que não seja digna de ser comentada, dialogada, compartilhada com Deus; nem há necessidade dos irmãos nem irmão em

necessidade pelos quais não devemos responder. Recordemos que Caim não quis falar de seu irmão Abel, e até declarou que não precisava responder por ele, porque pouco antes lhe tinha tirado a vida: o assassinato precedeu à negação de responder pelo irmão.

Vocação, tarefa de uma vida

Para o crente, a vida não é fruto do acaso, nem sequer esforço da vontade humana: toda vida é desejada por Deus; Deus confia a cada vida humana um lugar, uma missão no seu projeto salvífico. Quem chega à existência foi desejado por Deus: sua existência tem sentido, ao menos para Deus, e só de Deus sua vida recebe pleno sentido.

A vocação, missão dialogada

Não é por acaso que quando se descreve na Bíblia um chamado de Deus, a narração torna-se transcrição do diálogo iniciado por Deus com o seu eleito; revelando o projeto que alimenta em relação ao escolhido, Deus faz-lhe saber que conta com ele para levá-lo a cumprimento.

Inesperadamente, sem merecê-lo e nem sequer desejá-lo, a pessoa chamada encontra-se com uma tarefa que lhe é proposta e com *uma forma de vida que lhe é imposta*; quer se trate da geração de um povo (Abraão: Gn 12,1-4) ou da sua libertação (Moisés: Ex 3,1-4,23), da concepção de um filho (Maria: Lc 1,26-38) ou do convite a viver com Jesus (os primeiros quatro discípulos: Mc 1,16-20), a missão entregue não corresponde às possibilidades do chamado e, frequentemente, não faz parte nem mesmo de suas prioridades; nem Abraão nem Maria vieram como possível a descendência prometida (Gn 15,2-3; Lc 1,34). A missão indicada não se concilia normalmente com a atividade ou profissão que já está realizando: Moisés, pastoreando animais alheios, assim como os primeiros discípulos de Jesus, trabalhando com suas redes, viviam imersos em projetos bem diferentes daquele para o qual foram chamados, ou seja, guiar um movimento de libertação nacional (Ex 2,21-3,1) ou ser pescadores de homens para o reino de Deus (Mc 1,16.19).

O crente bíblico, sabendo que sua vida é consequência de uma decisão de Deus a seu favor, pode excluir dela o acaso e a sorte, boa ou má que seja: existindo uma Pessoa que positivamente o quis num determinado momento e nesse momento o criou vivo, enquanto viver, jamais deixará de se sentir amado; jamais será presa do destino, nem o imprevisto se precipitará sobre ele. Todavia, justamente por isso, desde que não buscou a existência para si, nem pode programá-la para si, não é senhor de si mesmo: permanece sujeito ao arbítrio d'Aquele que tanto o amou a ponto de querê-lo vivo e semelhante a Ele. Sua própria vida revela-o, portanto, como projeto divino a realizar; sua existência pessoal é prova da preexistência de um plano divino sobre si: a vida é sempre missão, por ter sido antes de tudo um dom; ela é tarefa e graça, pois não foi herança automática, nem é salário devido.

A missão, casa e causa de formação

Deus pode dispor muito bem da vida de um homem, porque foi Ele quem lha deu. As histórias de chamados, significativamente numerosas na Bíblia, demonstram de modo exemplar este traço característico do Deus vivo: Deus revela à pessoa chamada que conta com ela, às vezes de modo categórico, malgrado sua vontade, e, outras vezes, até mesmo contra sua vontade. Apesar das muitas objeções que a pessoa chamada possa acumular, não poderá evitar o chamado. A não ser que Deus revogue o seu envio, o enviado será tal para sempre; nem fugindo de Deus, será possível libertar-se d'Ele e da sua vontade, como Jonas precisou aprender (Jn 1,1-3,3). O mais grave ainda é que mais de um dos chamados sentirá que sua vida lhe foi roubada, lhe foi sequestrada com violência, impondo-lhe uma missão que não entrava em seus projetos nem entrará totalmente em suas capacidades, como evidenciado por Jeremias (Jr 1,5) e Paulo (Gl 1,15).

Deus caminha de acordo com aqueles a quem chama, falando com eles; o Deus que chama falando transforma a pessoa escolhida em interlocutora. Deus, dirigindo-se ao chamado, revela-lhe que o deseja e para qual finalidade Ele o deseja. Pois bem, o único conhecimento sobre Deus e sobre si, que a pessoa

chamada adquire ao assumir o chamado de Deus, consiste em saber que é destinada aos outros: o Deus bíblico, quando chama, quer sim a pessoa chamada para si, mas também para os outros. Nisso consiste, precisamente a surpresa de quem é chamado: a resposta que deve a Deus pela sua vocação deve tentar dá-la respondendo por aqueles aos quais foi enviado; Deus chama para estar com Ele e para enviar: a amizade íntima com Ele e a missão a favor dos outros são a maneira de viver a escolha; são a sua consequência e a sua prova. Tudo o que se faz para aprender a ser amigo e não servo do Senhor e realizar a missão, preparar-se para ela e identificar-se com ela, é formação. A formação do salesiano é, por natureza, religiosa e apostólica porque é orientada e motivada pela missão.

A única resposta que o Deus de quem é chamado considera válida é a que realiza o seu chamado, ou seja, aquela que ele dá quando se entrega àqueles para os quais Deus o destinou no momento em que o chamou pelo nome. Assumir a vocação pressupõe, portanto, uma vida de obediência à missão recebida: a resposta que Deus espera do salesiano é o serviço exclusivo aos jovens. Não é por acaso que perdemos a consciência dos nossos deveres diante dos jovens quando perdemos o prazer e a vontade de rezar; nem muito menos nos deve maravilhar que toda tentativa de libertação da missão salesiana empobreça e torne mais difícil a nossa oração comunitária: não é que Deus esteja se afastando de nós e nos impeça de senti-lo próximo; nós é que estamos nos afastando dos jovens e não conseguimos estar perto de seus problemas. Cremo-nos abandonados por Deus porque, e quando, abandonamos “a pátria da nossa missão... a juventude carente”.[\[13\]](#)

Como salesianos, estamos em débito com Deus e com os jovens; este débito nasce da graça recebida: nasceu, mantêm-se com a vocação e é saldado com a formação, “adequada e contínua” (Const. 96). “Imerso no mundo e nas preocupações da vida pastoral, o salesiano *aprende* a encontrar Deus naqueles a quem é mandado” (Const. 95). A formação consiste fundamental e principalmente nesta aprendizagem. A meta consiste no encontro com Deus na vida que se está a viver enquanto se vive o chamado; o caminho do sucesso e as escolhas metodológicas constituem o processo formativo que toda pessoa chamada vive em primeira pessoa: não será preciso sair da vida que se está a viver, se ela é resposta à própria vocação. Onde faltar a consciência de fazer diante de Deus o que Ele nos confiou, não poderá existir formação alguma, porquanto se estude ou por quantos anos se passe nas assim chamadas ‘casas e etapas de formação’.

2.2. Formação: a graça como tarefa

Não estamos a falar obviamente em termos abstratos de vocação e formação. Como vimos no início, as duas, vocação e formação, enfrentam desafios próprios que, segundo meu modo de ver, procedem do contexto cultural histórico que vivemos e do tipo de presença da Igreja e da Congregação.

Em relação ao contexto social, existem alguns elementos que, na contraluz, “tocam de perto a experiência vocacional”; de um lado, o valor da pessoa, e de outro, o subjetivismo e o individualismo; de um lado, a dignidade da mulher, e de outro, a ambiguidade em relação a ela; de um lado, a revalorização da sexualidade, e de outro, algumas suas expressões distorcidas; de um lado, a riqueza do pluralismo, e de outro, o relativismo e a fragilidade do pensamento; de um lado, o valor da liberdade, e de outro, a arbitrariedade; de um lado, a complexidade da vida, e de outro, a fragmentação; de um lado, a globalização, e de outro, os particularismos; de um lado, um desejo maior de espiritualidade, e de outro, o secularismo.[\[14\]](#)

Quanto à Igreja, ela gostaria de responder aos desafios do tempo presente com a Nova Evangelização, que, por sua vez, requer um novo evangelizador, que faça de Cristo o tema e o conteúdo da sua pregação, do mistério da cruz, o critério de autenticidade cristã, do evangelho, a sua força e a sua luz. Ela, então, será capaz de unir harmoniosamente evangelização, promoção humana, cultura cristã, e promover o diálogo cultural, ecumênico e inter-religioso.

A Congregação, por sua vez, nos últimos anos, desde o Concílio Vaticano II, procurou atualizar-se para responder a esses desafios e esforçou-se para renovar a sua experiência de vocação e a sua práxis formativa. A *Ratio*, deste ponto de vista, é muito mais do que um documento.

Sua intuição fundamental é a da ***identidade carismática e identificação vocacional***. Estamos convencidos de que se conseguirmos garantir, através da formação, uma clara identidade salesiana, os irmãos sentir-se-ão dotados de uma bagagem de valores, de atitudes, de critérios que os ajudarão a enfrentar com êxito a cultura atual e realizar a missão salesiana com eficácia. Gostaria, pois, de fazer uma abordagem do tema da formação a partir desta perspectiva.

O chamado de Deus, entregando-nos os jovens como conteúdo da nossa resposta vocacional, obrigou-nos a viver determinado tipo de espiritualidade, que exige uma formação específica: “cremos que Deus nos está a esperar nos jovens para oferecer-nos a graça do encontro com Ele e para dispor-nos a servi-lo neles”.^[15] Desde que a nossa experiência de Deus não pode ser compreendida sem referência aos jovens aos quais Deus nos destinou, assim também a nossa formação não poderá ser realizada sem uma vida vivida a favor deles: “A natureza religiosa e apostólica da vocação salesiana determina a orientação específica da nossa formação” (Const. 97).

O salesiano sabe que sua vida apostólica é o lugar privilegiado e o motivo central do seu diálogo com Deus: como Deus estabeleceu para ele uma missão para toda a vida, ele só poderá responder-lhe identificando-se com essa missão e realizando-a: “É através da experiência da missão juvenil que lhe chega o chamado de Deus; não poucas vezes é aí que principia o seguimento de Cristo. Na missão se empenham e manifestam e nele crescem os dons da consagração. Um único movimento de caridade impele-o para Deus e compele-o para os jovens (cf. Const. 10). Vive o trabalho educativo com os jovens como um ato de culto e uma possibilidade de encontro com Deus”.^[16]

O nome desse trabalho é formação; “*formação salesiana* é identificar-se com a vocação que o Espírito suscitou por meio de Dom Bosco. É ter a sua capacidade de partilhá-la, inspirar-se em sua atitude e em seu método de formar”.^[17]

Identidade carismática e identificação vocacional

“Configurar-se com Jesus Cristo e, como Dom Bosco, dar a vida pelos jovens” é, em síntese, “a vocação do salesiano”, a sua identidade. “Toda a formação, inicial e permanente, consiste em assumir e realizar essa identidade nas pessoas e na comunidade”. “Dela parte o processo formativo e a ela faz constante referência”. A identidade salesiana é “o coração de toda a formação”,^[18] sua norma e sua meta. “Com outras palavras: *a identidade salesiana caracteriza a nossa formação*, que não pode ser genérica, e especifica-lhe as tarefas e as exigências fundamentais”.^[19]

Objetivos da formação

Formar-se comporta reconhecer a forma de vida à qual se é chamado e nela identificar-se mais plenamente. Como já acenei, a formação na vida consagrada não coincide com o tempo pedagógico que precede a preparação aos votos, ao ministério sacerdotal, um tempo, portanto, limitado e a não se repetir; antes é uma situação permanente, jamais concluída, que dura “toda a existência, por envolver toda a pessoa, coração, mente e forças (cf. Mt 22,37) e torná-la semelhante ao Filho que se entrega ao Pai pela humanidade”.^[20]

“Mediante a formação, na verdade, realiza-se a identificação carismática e adquire-se a maturidade necessária para se viver e trabalhar em consonância com o carisma fundacional: de uma primeira situação de entusiasmo emotivo por Dom Bosco e por sua missão juvenil chega-se a uma verdadeira configuração com Cristo, a uma profunda identificação com o Fundador, à assunção das Constituições como Regra de vida e critério de identidade, e a um vigoroso sentido de pertença à Congregação e à Comunidade inspetorial”.^[21]

Aquilo que somos chamados a ser determina o que devemos esforçar-nos para ser; a identidade carismática provoca e orienta o esforço de identificação, pessoal e comunitária, que é a formação. Em outros termos, os ***objetivos da formação*** para a vida salesiana são impostos pela própria vocação salesiana; em última instância, por Deus que nos chama a atuar estas tarefas:

1º. Enviados aos jovens: identificar-se com Cristo Bom Pastor

Como Dom Bosco, o salesiano tem como primeiro e principal destinatário da sua missão “a juventude pobre, abandonada, em perigo, que tem maior necessidade de ser amada e evangelizada” (Const. 26).^[22]

Responder a esta missão obtêm-nos a configuração^[23] a Cristo Bom Pastor, cujo fruto e garantia natural é a caridade pastoral. Amar os jovens como Cristo os ama “torna-se para o salesiano projeto de vida”; aquilo que fará para representar o amor de Deus aos jovens (cf. Const. 2: “*ser na Igreja sinal e portador*”) será o que o identificará com Cristo apóstolo do Pai. “É através dos jovens que o Senhor entra na existência do salesiano, ocupando aí o primeiro lugar, e o anseio de Cristo Redentor encontra eco no lema “*Da mihi animas, cetera tolle*”, que constitui o ponto unificador de toda a sua existência”.^[24]

O salesiano configura-se a Cristo realizando a sua missão, “parâmetro seguro e definitivo da nossa identidade”,^[25] com “coração oratoriano”,^[26] respondendo às necessidades dos jovens com imaginação e sensibilidade educativa. E é na vida cotidiana, e não em comportamentos pontuais ou extraordinários, “é na realidade de todos os dias que o salesiano traduz em experiência de vida a sua identidade de apóstolo dos jovens”.^[27]

2º. Feitos irmãos pela única missão: fazer da vida comum lugar e objeto de formação

“Viver e trabalhar juntos é para nós salesianos exigência fundamental e caminho seguro para realizarmos a nossa vocação” (Const. 49). De fato, viver comunitariamente a missão não fica ao nosso arbítrio: não somos livres de aceitá-lo, nem podemos libertar-nos dele de acordo com o nosso gosto; não é nem sequer uma decisão tática com a finalidade de uma maior eficácia apostólica; “*é por isso um dos traços mais decisivamente caracterizadores da identidade salesiana. O salesiano é convocado a viver com outros irmãos consagrados, para compartilhar o serviço do Reino de Deus entre os jovens*”.^[28]

O salesiano é, por vocação, “parte viva de uma comunidade” e “cultiva um profundo sentido de pertença a ela”: “Com espírito de fé e amparado pela amizade, vive o salesiano na comunidade o espírito de família e contribui dia após dia para a construção da comunhão entre todos os membros. Convencido de que a missão é confiada à comunidade, ele se empenha em trabalhar com os irmãos segundo uma visão de conjunto e um projeto partilhado”.^[29]

Desde que “a assimilação do espírito salesiano é fundamentalmente um fato de comunicação de vida” (Reg. 85), a formação enquanto identificação com o carisma salesiano requer ainda mais a comunicação que “tem a comunidade como contexto natural”.^[30] Além de ser “o ambiente natural de crescimento vocacional”, “a própria vida da comunidade, unida em Cristo e aberta às exigências dos tempos, é formadora” (Const. 99). Viver na e para a comunidade é viver em formação.

3º. Consagrados por Deus: testemunhar a radicalidade do Evangelho

“Missão apostólica, comunidade fraterna e *prática dos conselhos evangélicos* são elementos inseparáveis da nossa consagração” (Const. 3).

A vida espiritual salesiana é uma forte experiência de Deus; ela é sustentada e, por sua vez, sustenta um estilo de vida fundado totalmente nos valores do Evangelho (cf. Const. 60). Por isso, *o salesiano assume a forma de vida obediente, pobre e casta que Jesus escolheu para si na terra... Crescendo na radicalidade evangélica com intensa tonalidade apostólica, faz de sua vida uma mensagem educativa, dirigida especialmente aos jovens, proclamando com a sua existência “que Deus existe e o seu amor pode saciar uma vida; que a necessidade de amar, a ânsia de possuir e a liberdade de decidir da própria existência adquirem em Cristo Salvador o sentido supremo”* (Const. 62).^[31]

Consequentemente, a prática dos conselhos evangélicos além de ser mensagem e método de evangelização^[32] “constitui princípio de identidade e critério formativo”.^[33]

4º. Partilhando vocação e missão: animar comunidades apostólicas no espírito de Dom Bosco.

“O salesiano não pode pensar integralmente a sua vocação na Igreja sem se referir àqueles que com ele são os portadores da vontade do Fundador. Pela profissão, ele entra na Congregação Salesiana e se insere na *Família Salesiana*”;[34] nela temos responsabilidades especiais: “manter a unidade do espírito e estimular o diálogo e a colaboração fraterna para mútuo enriquecimento e maior fecundidade apostólica” (Const. 5).

Pelo fato de sê-lo, “todo salesiano é animador e habilita-se a sê-lo cada vez mais”;[35] responder à própria vocação torna-o corresponsável do carisma salesiano vivido de modo diverso pelos vários membros da Família Salesiana. “*A formação dá ao salesiano um sentido intenso da sua identidade específica, abre à comunhão no espírito salesiano e na missão com os membros da Família Salesiana que vivem projetos vocacionais diferentes... A comunhão será tanto mais sólida quanto mais clara for a identidade vocacional de cada um e quanto maiores forem a compreensão, o respeito e a valorização das diversas vocações...*”. [36] “A formação à comunhão nos valores salesianos faz crescer a consciência do dever de animação carismática e para ela qualifica”. [37]

5º. No coração da Igreja: edificar a Igreja, sacramento de salvação.

“A vocação salesiana situa-nos no coração da Igreja” (Const. 6): “a experiência espiritual do salesiano é, portanto, uma experiência eclesial”. [38] Se amar a Igreja foi para Dom Bosco um modo característico de sua vida e santidade, para nós “ser salesianos é o nosso modo de ser intensamente Igreja”. [39]

O salesiano chega a ser salesiano crescendo no sentido de pertença à Igreja, [40] empenhado com as suas preocupações e os seus problemas, inserido em seus projetos pastorais e envolvendo neles os jovens, vivendo em comunhão cordial com o Papa e com aqueles que trabalham pelo Reino (cf. Const. 13). [41]

6º Abertos à realidade: inculturar o carisma

A vocação do salesiano exige “abertura e discernimento perante as transformações em andamento na vida da Igreja e do mundo, especialmente dos jovens e dos ambientes populares”. [42] Como Dom Bosco, o salesiano torna a realidade histórica “tecido da sua vocação”, “desafio e convite imperioso ao discernimento e à ação... Esforça-se por compreender os fenômenos culturais que caracterizam a vida, entrega-se a uma reflexão atenta e empenhada a seu respeito, enquadra-os na perspectiva da Redenção”. [43] A leitura evangélica da realidade, em especial da realidade juvenil e popular, é obrigatória em se querendo responder adequadamente à vocação salesiana: é parte integrante, portanto, da missão educativa.

“Chamado a encarnar-se entre os jovens de determinado lugar e cultura, o salesiano precisa de *uma formação inculturada*. Mediante discernimento e diálogo com o próprio contexto, esforça-se por permear de valores evangélicos e salesianos os seus critérios de vida e por radicar a experiência salesiana no próprio contexto. Desse fecundo relacionamento emergem estilos de vida e métodos pastorais mais eficazes porque coerentes com o carisma de fundação e com a ação unificante do Espírito Santo (cf. VC 80)”. [44]

Metodologia formativa

“Responder ao apelo de Cristo que chama pessoalmente significa tornar reais os valores vocacionais”. [45] Considerada a experiência secular salesiana, de Dom Bosco aos nossos dias, a identificação teórica dos valores carismáticos pode ser considerada hoje como meta suficientemente alcançada. O maior desafio enfrentado atualmente pela formação está mais no método formativo, em como fazer da proposta vocacional um projeto pessoal de vida, em como passar dos valores apreciados aos valores vividos, em como transformar o carisma salesiano em realidade cotidiana.

Impelida por uma vocação gratuita, a formação é, antes de um processo metodológico, uma experiência vivida de graça, um dom reconhecido e uma responsabilidade assumida através do diálogo pessoal não

transferível com Deus; é, e nesta ordem, “graça do Espírito, atitude pessoal, pedagogia de vida”.^[46] Em última análise, o Espírito de Deus é o autor do chamado e o único e verdadeiro formador de quem é chamado: Ele iniciou o diálogo com sua proposta e é capaz de apoiá-lo com sua força. A ação formativa permanece assim aberta ao sentido do mistério de Deus e da pessoa; sem este diálogo interior, nada está garantido; demonstra-o também muito bem a nossa vivência pessoal e a nossa experiência de educadores.

Afirmada a prioridade do Espírito no processo formativo,^[47] da experiência educativa salesiana, das orientações da Igreja e da Congregação e da análise da realidade formativa, emergem nestes últimos anos algumas opções de método que “parecem indispensáveis para a consecução dos objetivos do processo formativo e para o cultivo continuado da vocação”.^[48]

1º. Alcançar a pessoa em profundidade

A formação, “assimilação pessoal da identidade salesiana”,^[49] realiza-se no *ser como Dom Bosco* mais do que no *trabalhar como ele*. Isso obriga a centrar prioritariamente a tarefa formativa na **interiorização** da experiência, sem se limitar a adquirir novos conhecimentos ou repetir comportamentos formais, exteriores, que não exprimem realmente os valores que somos chamados a viver e são meras formas de adaptação ao ambiente.^[50] Sem interiorização corre-se um risco duplo: de um lado, reduz-se a formação a simples informação, quando se dá por certa a apropriação de valores só pelo fato de falar frequentemente deles; de outro lado, rebaixa-se a formação a simples acomodação, quando se assume mimeticamente um gênero de vida sem se apropriar de suas motivações últimas.

A interiorização dos valores carismáticos envolve necessariamente a existência de profundas **motivações** pessoais, e torna-se inalcançável se não se conseguir fazer dos valores carismáticos convicções subjetivas. Só possuindo razões fortes para chegar a ser o que somos chamados a ser poderemos descobrir como valores os elementos que formam o conjunto da vida salesiana, fazer experiência deles e assumi-los até se tornarem modo conatural de ser. Dessa forma, a pessoa é tocada em profundidade e acontece a sua transformação.

Indica-se, assim, um aspecto próprio da educação salesiana, que é **partir da pessoa concreta**, da sua história pessoal, do seu processo realizado nas diversas dimensões da pessoa humana, superando a tentação de, por pragmatismo, homogeneizar e nivelar a todos, sem respeitar os ritmos de amadurecimento das pessoas. Este aspecto comporta a tarefa de ajudar a fazer com que a pessoa se conheça e se aceite, torne-se consciente das suas convicções e submeta-as ao discernimento, como condição indispensável para construir sobre a verdade e a aceitação de si. Implica, também, o conhecimento exato das necessidades da pessoa e a elaboração de um itinerário adequado. Implica, enfim, a proposta clara do projeto de vida salesiana, com todas as suas exigências, sem dar espaço a entusiasmos fáceis e emoções passageiras.

O conhecimento de si, que já é um valor, é orientado para a experiência formativa do confronto da pessoa com a identidade vocacional que deseja assumir. Surge, então, o perfil com o qual a pessoa quer se identificar (Cristo, à maneira de Dom Bosco, parafraseando a expressão de São Paulo: “Sede meus imitadores como eu o sou de Cristo”) e, a partir desse perfil, delinea-se o projeto de trabalho espiritual que favorece a identificação crescente que, como é lógico, não tem fim e vale para a vida inteira.

A **primeira responsabilidade** desta identificação interior recai sobre a própria pessoa chamada. Não se trata de uma tarefa delegável, nem adiável: ninguém o pode fazer no lugar de quem é chamado, nem este pode fazê-lo quando quiser. A pessoa chamada, justamente por ser chamada e para responder ao chamado, deve empenhar-se a fundo, sem reservas, com generosidade e radicalidade, com convicção e entusiasmo. Aos poucos, crescerá no sentido de pertença à família da qual quer fazer parte e se sentir em casa.^[51]

2º. Animar uma experiência formativa unitária

A formação é realizada, necessariamente, através de um caminho longo e diversificado, em diversas comunidades e com diversos responsáveis. Para que possa ser *experiência integrada e personalizada*, é

necessário que seja compreendida e realizada como **proposta única**, que se realiza num único processo, embora variem as ações concretas e as ênfases, de acordo com as diversas etapas da vida do salesiano. A elaboração da proposta é responsabilidade comunitária:[52] transcende preferências ou necessidades individuais e transmite o carisma fundacional de modo acessível e pedagógico.

Para evitar “o risco de fazer da formação uma soma de intervenções desorganizadas e descontínuas, confiadas à ação individual de pessoas ou grupos”,[53] a formação deve ser pensada como **projeto unitário e orgânico** e vivida com mentalidade de projeto. O projeto engloba tanto o que constitui objetivamente o carisma salesiano (objetivos gerais), quanto o que a formação busca em cada momento e as intervenções formativas com que o realiza (objetivos de cada etapa, estratégias para alcançá-los e métodos de avaliação).[54]

Dado que o processo formativo está a serviço da pessoa,[55] o seu amadurecimento exige tempos ‘psicológicos’ mais do que cronológicos. Pois bem, superando certa concepção segundo a qual as coisas do espírito não são passíveis de avaliação, a formação deve ser revista em relação à **obtenção dos objetivos** formativos propostos. A formação não é questão de superar algumas fases e completar o currículo; trata-se, antes, de integrar alguns valores e manter uma forte tensão vocacional. Uma etapa formativa deve preparar a seguinte; a passagem de uma fase a outra deve ser marcada “mais pela consecução dos objetivos do que pelo transcurso do tempo ou do currículo de estudos... *O ritmo de crescimento vocacional é assim mantido, sem quedas de tensão, e é sustentado por crescentes compromissos e por oportunas verificações*”. [56]

Como em todo fato educativo, o ‘chamado’ é o sujeito que dá unidade às intervenções, motivações e atividades, porque só ele pode integrar tudo de modo orgânico ao redor do projeto apostólico que é a vida salesiana, assim como fez Dom Bosco que – utilizando as palavras do P. Rua – “não deu passo, não pronunciou palavra, nada empreendeu que não visasse à salvação da juventude” (Const. 21).

3º. Garantir o ambiente formativo e a corresponsabilidade de todos

“A assimilação do espírito salesiano é fundamentalmente um fato de comunicação de vida” (Reg. 85). Como no caso de Jesus com os primeiros discípulos (Mc 3,13-14; cf. *Pastores dabo vobis*, 60) e de Dom Bosco com os primeiros salesianos,[57] a formação deve acontecer num ambiente de diálogo vocacional, de convivência cotidiana e de responsabilidade compartilhada.

A **primeira responsabilidade** recai, evidentemente, sobre quem é chamado, “protagonista necessário e insubstituível da própria formação, [que] em última análise, é autoformação”. [58] “Cada salesiano assume a responsabilidade da própria formação” (Const. 99). É ele que deve conhecer, aceitar e assumir a própria vocação e agir conseqüentemente. E pode fazê-lo “tomando como ponto de referência a Regra de vida e envolvendo-se na experiência cotidiana e no caminho formativo da comunidade... Uma das formas concretas para exprimir a própria responsabilidade na formação é ter o seu *projeto pessoal de vida*”. [59]

O salesiano deve encontrar em sua **comunidade** “*o ambiente natural de crescimento vocacional... A própria vida da comunidade, unida em Cristo e aberta às exigências dos tempos, é formadora*” (Const. 99). É evidente que não basta existir certo grau de vida comum; a comunidade é ambiente de formação quando consegue ser sujeito coletivo de formação, ou seja, quando se organiza de tal modo que promova em seu interior relações interpessoais muito profundas, um impulso apostólico corresponsável, competência profissional e capacidade pedagógica, uma vida de oração estimulante, um estilo de vida autenticamente evangélico, preocupação com o crescimento vocacional de cada irmão, através de um projeto próprio e compartilhado, a abertura às necessidades da Igreja e dos jovens, a sintonia com a Família Salesiana. Particularmente, a comunidade avalia o seu trabalho cotidiano na comunidade educativo-pastoral considerando-a como “*espaço privilegiado de autêntico crescimento e de intensa formação permanente*”. [60]

“Antes de ser um lugar, um espaço material”, as comunidades dedicadas especificamente à formação inicial, devem ser “*espaço espiritual, itinerário de vida, atmosfera que favorece e garante o processo*

formativo”. [61] Comunidades formadoras *em caminho* [62] caracterizam-se do ponto de vista pedagógico pela qualidade do seu projeto formativo, elaborado e compartilhado por todos, [63] e garantindo as condições ambientais que favoreçam a personalização da experiência formativa. Para traduzir o projeto comum em práxis formativa cotidiana, criando atmosfera adequada, é “condição indispensável e ponto estratégico determinante” a existência de uma equipe consistente de **formadores**; [64] a eficácia de suas intervenções formativas dependerá de se apresentarem e agirem não tanto como acompanhantes isolados, mas como equipe que representa a “mens” e a práxis formativa da Congregação e compartilha critérios de discernimento e uma pedagogia de acompanhamento.

No interior da equipe formadora, o **diretor** da comunidade realiza um papel relevante, “ainda de maior responsabilidade” [65] se for diretor de uma comunidade formadora, pois é responsável pela animação do “crescimento vocacional de seus irmãos”. [66] Ele é “*responsável pelo processo formativo pessoal de cada irmão*”. É também o diretor espiritual proposto, não imposto, aos irmãos em formação”. [67] “Pai, mestre e guia espiritual” (Const. 55) de sua comunidade, favorece nela um ambiente formativo mediante a criação de um clima rico de valores salesianos, humanos e apostólicos, mantém-na em atitude de resposta ao chamado de Deus e em sintonia com a Igreja e a Congregação, considera momento privilegiado o colóquio pessoal e a direção espiritual para a personalização da vocação, constitui e encoraja a equipe de formadores “fazendo convergir o esforço de todos num projeto comum em sintonia com o projeto inspetorial”. [68] Chama a atenção, pela sua novidade e urgência, a apresentação da **comunidade inspetorial** como “comunidade formadora, mas também comunidade em formação”: “É responsabilidade primeira da comunidade inspetorial no âmbito formativo *promover a identificação dos irmãos*, especialmente dos que estão na formação inicial, com a vocação salesiana, comunicando-lha vitalmente. Não é indiferente, portanto, que ela se apresente intensamente motivada ou apática, vibrante na ação ou cansada. O clima de oração e de testemunho, o sentido de responsabilidade comum e a abertura ao contexto e aos sinais dos tempos, o viver com vigor espiritual e competência os vários empenhos da missão salesiana, o benefício de um ambiente que oferece cotidianamente critérios e estímulos de fidelidade, a rede de relacionamentos cordiais e de colaboração entre as comunidades, entre cada um dos irmãos, entre os grupos da Família Salesiana e com os leigos empenhados na comunidade: todos estes aspectos constituem o ambiente inspetorial para a formação dos irmãos. Este clima permite aos irmãos em formação fazer experiência viva da identidade salesiana e de sentir-se sustentados na caminhada vocacional”. [69]

A missão formadora da Inspetoria “não é um puro estado de espírito nem só um fato de boa vontade; é um princípio que organiza a vida da Inspetoria e envolve toda a sua realidade; partindo das exigências da consciência vocacional e da corresponsabilidade de todos pela missão, traduz-se num **projeto inspetorial formativo orgânico**”. [70]

4º. Dar qualidade formativa à experiência cotidiana

“Chamado a viver em todas as situações com empenho formativo”, o salesiano “se esforça para discernir nos acontecimentos a voz do Espírito, adquirindo assim a capacidade de aprender da vida [e] confere **eficácia formativa às suas atividades ordinárias**” (Const. 119). Com efeito, “a experiência cotidiana vivida em chave formativa aproxima-nos da verdade de nós mesmos e oferece-nos ocasiões e estímulos para tornar real o nosso projeto de vida”. [71]

Foi esta a escola de Jesus com seus discípulos, enquanto compartilhavam a vida, o cansaço e o repouso, e enquanto caminhavam para Jerusalém. Também foi educativa a experiência cotidiana de Dom Bosco que atribuía “valor educativo aos compromissos de cada dia, no pátio e na escola, na comunidade e na igreja (cf. Const. 40), à maneira de ver e ler os acontecimentos, de responder às situações dos jovens, da Igreja e da sociedade”. [72]

Apesar disso, e é inegável, a vida cotidiana não é formativa *tout court*; deve haver algumas **condições** para que possa ser caminho concreto e cotidiano de identificação vocacional:

- a **presença entre os jovens**: “O encontro com os jovens é para o salesiano itinerário e escola de formação”; o contato com os jovens e o seu mundo “*torna-o ciente da necessidade de competência educativa e profissional, de qualificação pastoral e de atualização constante*”;[73]
- a missão juvenil exige **trabalhar em comum**, que resulta formativo “quando se acompanha da reflexão e, mais ainda, quando esta se permeia de atitude de oração. Por isso, a comunidade cria momentos e espaços que favorecem um olhar atento, uma leitura mais aprofundada, uma partilha serena. E o salesiano é chamado a confrontar-se com as próprias motivações de fundo, seu próprio sentido pastoral, a consciência da própria identidade”;[74]
- a **comunicação** recíproca, “troca de dons e de experiências para o enriquecimento recíproco das pessoas e das comunidades”. A comunicação requer aprendizagem: “Da parte de quem comunica, é preciso superar certo medo ou timidez de exprimir os próprios pensamentos e sentimentos, e ter a coragem de confiar no outro. Da parte de quem recebe a comunicação, exige-se a capacidade de acolhê-la estimando a pessoa que a estabelece, sem julgá-la, apreciando-lhe a diferença de modos de ver”;[75]
- as **relações interpessoais** “favorecem e revelam o nível de amadurecimento da pessoa, indicando até que ponto o amor se apossou de sua vida e aprendeu a expressá-lo”. [76] Sem a capacidade de amar e sem a vontade de perdoar não são possíveis relações autenticamente pessoais;
- o **contexto sociocultural** incide no modo de ser, sentir e avaliar a realidade e, conseqüentemente, questionar a própria identidade. Além de conhecer bem a situação atual, é preciso sabê-la interpretar a partir de Deus, para dar respostas consonantes com a nossa vocação e missão: “A capacidade de ‘ver’ Deus no mundo e acolher o seu apelo através das urgências dos momentos e dos lugares é uma lei fundamental do itinerário de crescimento salesiano”. [77]

5º. Qualificar o acompanhamento formativo

A formação exige **acompanhamento**, que, além de ser “característica fundamental da pedagogia salesiana”, é “condição indispensável” para a personalização e o discernimento. O acompanhamento tem a finalidade de “assegurar ao irmão a proximidade, o diálogo, a orientação e o apoio adequado em cada instante do itinerário formativo e fazer com que ele seja disponível e ativamente responsável no buscar, acolher e tirar proveito de tal serviço, tendo presente que ele pode assumir variados graus e múltiplas formas. Não se restringe ao diálogo individual; é um conjunto de relações, um ambiente e uma pedagogia, próprios do Sistema Preventivo: vai da presença próxima e fraterna, que suscita confiança e familiaridade, à caminhada feita em nível de grupo, à experiência comunitária; dos encontros breves e ocasionais ao diálogo pessoal procurado, frequente e sistemático; do confronto com aspectos externos à direção espiritual e à confissão sacramental”. [78]

Além do acompanhamento pessoal, é próprio do estilo salesiano também o acompanhamento *do ambiente educativo*, que resulta das relações interpessoais, das orientações dos responsáveis, do projeto comum compartilhado. O **acompanhamento comunitário** tem um papel muito importante na comunicação vital dos valores salesianos. Preocupar-se com ele “significa assegurar a qualidade pedagógica e espiritual da experiência comunitária e a qualidade da animação e da orientação da comunidade [...] tende também a edificar uma experiência comunitária que, por meio das múltiplas cotidianas expressões do estilo salesiano, orienta, estimula e sustenta. Constitui um empenho para cada ambiente formativo e especialmente para as comunidades muito pequenas ou muito numerosas”. [79]

Para ajudar “cada um a assumir e interiorizar os conteúdos da identidade vocacional”, o acompanhamento deve ser personalizado; é preciso garantir a presença e a dedicação de pessoas empenhadas na formação, a sua competência e a unidade de critérios. Na tradição salesiana, o acompanhamento pessoal é realizado com diversas formas e pessoas:

- O **diretor** “tem responsabilidade direta em relação a cada um dos irmãos; ajuda-o a realizar sua vocação pessoal” (Const. 55); durante a formação inicial, o diretor é o “responsável do processo formativo pessoal”. Realiza seu serviço mediante o *colóquio*, “elemento integrante da práxis formativa salesiana, sinal concreto de atenção e cuidado da pessoa e da sua experiência”. Realizado “uma vez por mês” (Reg. 79) na formação inicial é “uma forma de orientação espiritual que ajuda a personalizar o itinerário formativo e a interiorizar os seus conteúdos”.[\[80\]](#)
- Outra forma de acompanhamento explicitamente prevista pela pedagogia salesiana “é constituída pelos *momentos periódicos de avaliação pessoal* (escrutínios), por meio dos quais o Conselho da comunidade ajuda o irmão a avaliar sua situação formativa pessoal, orienta-o [e] estimula-o concretamente no seu processo de amadurecimento”.[\[81\]](#)
- A **direção espiritual**, que “é um *ministério de iluminação, de apoio e de guia* no discernimento da vontade de Deus para atingir a santidade, motiva e suscita o empenho da pessoa, estimula-a a sérias opções em sintonia com o Evangelho e confronta-a com o projeto vocacional salesiano”;[\[82\]](#) conforme a tradição salesiana o diretor da comunidade de formação “é o diretor espiritual proposto aos irmãos, embora permanecendo a sua liberdade de escolher outro diretor espiritual”;[\[83\]](#)
- O **sacramento da reconciliação** “oferece a cada irmão uma direção espiritual muito prática e personalizada, enriquecida pela eficácia própria do sacramento. O Confessor não só absolve dos pecados. Reconciliando o penitente, anima-o e estimula-o na via da fidelidade a Deus e, portanto, também na perspectiva vocacional específica. É exatamente por esta razão que se recomenda tenham os irmãos durante a formação inicial confessor estável e ordinariamente salesiano”.[\[84\]](#)

Há outras formas de acompanhamento pessoal e outros responsáveis que ajudam o irmão a integrar na sua experiência formativa o exercício educativo-pastoral e o empenho na formação intelectual.[\[85\]](#) “Condição chave para o acompanhamento é *a atitude formativa do irmão em formação inicial*”.[\[86\]](#) Enfim, “o acompanhamento formativo coloca-se *no âmbito da animação*”:[\[87\]](#) evita impor, forçando, experiências estranhas a quem está em crescimento e, ao mesmo tempo, evita renunciar a aconselhar, propor ou corrigir.

[6º. Dar atenção ao discernimento](#)

O discernimento, espiritual e pastoral, é **indispensável a todo salesiano** para viver a vocação com fidelidade criativa e resposta permanente. Isso é fruto – como lhes escrevi tempos atrás[\[88\]](#) – da escuta da Palavra, dócil e paciente. Nela podemos encontrar o que Deus quer hoje de nós e como o quer [...]. “Da frequência da Palavra de Deus [os discípulos do Senhor] tiraram a luz necessária para o discernimento individual e comunitário que os ajudou a buscar nos sinais dos tempos os caminhos do Senhor. Eles adquiriram assim *uma espécie de instinto sobrenatural*”,[\[89\]](#) o olhar da fé, ou seja, “sem o qual a própria vida gradualmente perde sentido, o rosto dos irmãos torna-se opaco e é impossível descobrir nele o rosto de Cristo, os acontecimentos da história ficam ambíguos quando não privados de esperança, a missão apostólica e caritativa cai em atividade dispersiva”.[\[90\]](#)

Uma comunidade que “cultiva um olhar evangélico sobre a realidade e busca a vontade de Deus com fraterno e paciente diálogo e com sentido vivo de responsabilidade” oferece aos irmãos o clima adequado para exercer de modo habitual o **discernimento comunitário**, que “reforça a convergência e a comunhão, sustenta a unidade espiritual, estimula a busca de autenticidade e a renovação”.[\[91\]](#)

O discernimento na **formação inicial** é “um serviço ao candidato e ao carisma”. Por isso, ele é importante, em se tratando de verificar a veracidade do chamado, o amadurecimento das motivações, a assimilação dos valores, a identificação crescente com o projeto de vida, numa palavra, a idoneidade vocacional. “As admissões são [apenas] momentos de síntese ao longo deste processo. Realiza-se o discernimento em íntima colaboração entre o candidato e a comunidade local e inspetorial. A experiência formativa parte de um pressuposto fundamental: a vontade de trilhar juntos o processo de discernimento com uma atitude de comunicação aberta e corresponsabilidade sincera, atentos à voz do Espírito e às mediações concretas.

Objeto do discernimento vocacional são os valores e as atitudes exigidos para se viver a vocação salesiana com maturidade, alegria e fidelidade: as condições de idoneidade, as motivações e a reta intenção”.[92]

“Ponto-chave da metodologia formativa”, o discernimento torna efetivo o empenho e a colaboração dos responsáveis, “garantindo o conhecimento da sua natureza e das suas características, o uso dos meios sugeridos e a atenção aos momentos específicos e, sobretudo, o empenho constante e qualificado de todos”, a começar do candidato, “primeiro interessado em descobrir o projeto de Deus a seu respeito”. Ele “cultiva, por isso, uma abertura constante à voz de Deus e à ação dos formadores, orienta a sua vida segundo uma perspectiva de fé, confronta-se com os critérios vocacionais salesianos. Procura conhecer-se verdadeiramente, fazer-se conhecer e aceitar-se; vale-se de todas as mediações e meios que a experiência formativa lhe oferece, em particular o acompanhamento formativo e o diálogo fraterno, o colóquio com o Diretor, a direção espiritual, o sacramento de Penitência, as avaliações e o discernimento comunitário”. [93]

Além do candidato, também intervêm no processo de discernimento, o Inspetor e seu Conselho, que se preocupa com a “unidade dos critérios”, o diretor, que avalia “o progresso feito pelo candidato em seu caminho vocacional”, a comunidade inteira, que expressa o próprio parecer (cf. Reg. 81). [94] Todos os responsáveis devem, de um lado, “assumir uma *perspectiva vocacional* e uma *atitude de fé*, ter *sensibilidade pedagógica* e preocupar-se com algumas *competências específicas*” [95] e, de outro, ter “como *ponto de referência a identidade salesiana*, seus elementos constitutivos, os requisitos e as condições para vivê-la; não é discernimento genérico. Requer, portanto, conhecimento e consonância com os critérios indicados pela Congregação, em primeiro lugar com o critério de qualidade carismática, que tem em mira pôr as bases de uma experiência vocacional autêntica e fiel, superando preocupações quantitativas ou funcionais, entusiasmos não fundados ou compromissos construídos sobre idoneidades frágeis e não provadas. Os que intervêm no discernimento fazem-no em nome da Congregação, que é a responsável pelo carisma”. [96]

O discernimento implica conhecer a **gradualidade** do processo formativo e a especificidade de cada etapa, tendo presente a unidade da pessoa e o seu desenvolvimento. Não obstante, não se pode permitir que sejam iniciadas as etapas de formação e se assumam compromissos “para os quais o interessado não é idôneo”; deve-se evitar, ainda, “prolongar situações problemáticas ou de indecisão, que não oferecem perspectivas sérias de superação”. [97]

Desde que o discernimento é uma atitude não só de revisão pessoal, mas, sobretudo, de escuta da voz de Deus, que fala continuamente e de modo particular em algumas circunstâncias, ele não se reduz à formação inicial, mas acompanha a vida inteira do salesiano. De fato, “podem-se dar na vida do salesiano momentos em que se sente a necessidade de um olhar mais profundo, de um exame mais atento da própria caminhada, de uma revisão – para a reafirmação – das próprias opções ou para uma nova opção vocacional. É muitíssimo necessário que o irmão se ponha em atitude de verdadeiro discernimento espiritual, livre de pressões internas e externas, aberto ao diálogo, evitando o isolamento ou as decisões tomadas solitariamente, concedendo-se o tempo necessário, aceitando as oportunidades e os meios que lhe são oferecidos. À comunidade, por meio dos responsáveis, compete reconhecer, compreender e acompanhar o irmão com respeito e estilo fraterno, e sustentá-lo oportunamente com intervenções ordinárias e extraordinárias”. [98]

2.3. Formação: prioridade absoluta

Enquanto esforço de assimilação da identidade carismática, a formação “é um empenho que dura a vida inteira”. [99] “Se, de fato, a vida consagrada é em si mesma “progressiva assimilação dos sentimentos de Cristo”, parece evidente que tal caminho não poderá senão durar *toda* a existência, por envolver *toda* a pessoa”. [100] Enquanto o chamado não for retirado, vivemos em débito com Deus e com nossos destinatários, justamente porque “toda a vida é vocação, toda a vida é formação”. [101]

Embora seja verdade que a formação dura a vida inteira, seus objetivos e seus itinerários, nem sempre são idênticos. A **formação inicial**, “marcada por intensas experiências espirituais que levam a decisões

corajosas”,^[102] mira a identificação carismática da pessoa chamada, o conhecimento e a apropriação pessoal da vocação; dura um período de tempo limitado e dividido em etapas, que permitem um processo gradual de assimilação do carisma e de formação à missão; “vai da primeira orientação para a vida salesiana ao aprofundamento das motivações, à identificação com o projeto salesiano a ser vivido numa Inspetoria concreta”;^[103] mais do que tempo de espera, é tempo de trabalho e santidade (cf. Const. 105).

Diversamente, a **formação permanente** consiste “num esforço constante de conversão e renovação” (Const. 99), que nos liberta para “aprender ao longo da vida, em todas as idades e estações, em todos os ambientes e contextos humanos, de cada pessoa e de cada cultura, para deixar-se instruir por qualquer fragmento de verdade e beleza encontrado ao seu redor”. Mas, sobretudo, faz “aprender a deixar-se formar pela vida de cada dia, pela sua própria comunidade e pelos seus irmãos e irmãs, pelas coisas de sempre, ordinárias e extraordinárias, pela oração como pelo trabalho apostólico, na alegria e no sofrimento, até o momento da morte [...]. As pessoas em formação continuada apropriam-se do tempo, não o padecem, acolhem-no como dom e entram com sabedoria nos vários ritmos (cotidiano, semanal, mensal, anual) da própria vida, buscando a sintonia entre eles e o ritmo fixado por Deus imutável e eterno, que marca *os dias, os séculos e o tempo*”.^[104]

Concretamente, para nós salesianos, a formação permanente “é crescimento na maturidade humana, é configuração a Cristo, é fidelidade a Dom Bosco, para responder às exigências sempre novas da condição juvenil e popular”.^[105] Aquele que é chamado, empenhado mediante a profissão perpétua a viver identificado com a própria vocação, permanece fiel a si mesmo, apoiando-se na fidelidade de Deus e no amor pelos jovens (cf. Const. 195).^[106]

“Como para Dom Bosco nos primeiros tempos, também hoje para a Congregação e para cada salesiano a identificação com o carisma e o empenho de fidelidade a ele, ou seja, a formação, constituem uma **prioridade absolutamente vital**”.^[107] O caminho de renovação no qual estamos empenhados, enquanto caminhamos para a celebração do bicentenário do nascimento de Dom Bosco, “depende principalmente da formação”^[108] de cada salesiano. “Sentida como um desafio” pelo nosso CG24, “parte irrenunciável da competência educativa e da espiritualidade do pastor”,^[109] já foi considerada pelo meu predecessor, P. Vecchi, “investimento prioritário”:^[110] “Investir quer dizer estabelecer e manter prioridades, garantir as condições, operar segundo um programa que coloque no primeiro lugar as pessoas, as comunidades, a missão. Investir em tempo, em pessoal, em iniciativas, em recursos econômicos para a formação é tarefa e interesse de todos”.^[111]

Oração conclusiva

Concluo esta carta, que tenho como particularmente importante, porque da qualidade da formação dos novos salesianos depende em grande parte o futuro da Congregação, invocando a Maria. Ela foi chamada por Deus, formada pelo Seu Espírito e acompanhada, antes, por José e, depois, por Jesus, para poder crescer na fé e permanecer fiel ao projeto de Deus sobre Ela. E justamente por ser fiel até a morte de Jesus, seu Filho, na cruz, no-la deu como mãe.

Ó Maria, Mãe e Mestra de todos os discípulos do teu Filho, nós olhamos para ti e te contemplamos como a primeira Consagrada, que soube responder com coração indiviso e com entrega incondicional ao chamado do Pai. Ciente de que só Deus torna possível o que é humanamente impossível, te deixaste habitar e formar pelo Espírito Santo para gerar em ti o Filho de Deus.

Viveste até o fim o teu belíssimo ofício de ser a Mãe do Filho de Deus, pelo que, depois de tê-lo gerado o educaste, junto com José, de forma que ele “crescia em sabedoria, idade e graça diante de Deus e dos homens” (Lc 2,52). Como verdadeira mãe, soubeste transmitir a teu Filho as atitudes profundas e os grandes valores que animaram e caracterizaram a tua vida: a busca contínua da vontade de Deus, a sua acolhida cordial mesmo quando não a entendias, mas ao mesmo tempo fazendo tesouro dela, o serviço aos outros, especialmente aos necessitados.

Não admira, portanto, ver o teu Filho retirar-se na montanha e passar a noite em oração, expressão suprema de sua fé e momento incomparável para conhecer o que o Pai queria d'Ele, fazer disso programa de vida e assim “mesmo sendo filho, aprendeu o que significa a obediência... e, feito perfeito, tornou-se causa de salvação eterna para todos os que lhe obedecem” (cf. Hb 5,8-9). Não surpreende que não tivesse ocupação maior, nem atenção suprema, nem alimento nutritivo a não ser fazer a Vontade do Pai (Lc 2,49; Jo 4,34). Não admira, enfim, que definisse sua vida como serviço: “O Filho do homem, de fato, não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos” (Mc 10,45).

Ó Maria, viveste a plenitude da caridade. Em Ti se refletem e renovam todos os aspectos do Evangelho, todos os carismas da vida consagrada. Sustenta-nos na ação cotidiana, a fim de fazer dela um esplêndido testemunho de amor, segundo o convite de São Paulo: “Eu vos exorto a levardes uma vida digna da vocação que recebestes!” (Ef 4,1). [\[112\]](#)

Tu que foste dada a Dom Bosco como mãe e mestra, desde o ‘sonho’ que deu sentido à sua vida, e formaste nele um coração de pai e mestre capaz de entrega total, e lhe indicaste o seu campo de ação entre os jovens, e o guiaste constantemente (cf. Const. 1.8), forma também em nós um coração cheio de paixão por Deus e pelos jovens. A ti nos entregamos, ó Mãe. De Ti aprendamos a sermos filhos de Deus e discípulos do teu Filho, ó Mestra. Amém.

P. Pascual Chávez Villanueva

Reitor-Mor

[\[1\]](#) Cf. F. Cereda, *La fragilità vocazionale. Avvio alla riflessione e proposte di intervento*, in ACG 385 (2004), pp. 34-53. [Os textos transcritos de ACG e de “O Projeto de Vida dos Salesianos de Dom Bosco” têm a numeração das páginas segundo a edição em italiano: obs. do tradutor].

[\[2\]](#) Cf. USG, *Fedeltà vocazionale. Realtà che interpella la vita consacrata*. Roma, 23-25 de novembro de 2005; USG, *Per una vita consacrata fedele. Sfide antropologiche della formazione*. Roma, 24-26 de maio de 2006.

[\[3\]](#) Para ler as três primeiras colunas, é preciso esta atenção. Os noviços que entram num determinado ano fazem a primeira profissão no ano seguinte; portanto, os noviços que saíram resultam da diferença entre os noviços que entraram num determinado ano e os que professaram no ano seguinte. Exemplo: em 2002 entraram 607 noviços e em 2003 professaram 470 neoprofessos; portanto, a diferença entre os noviços que entraram em 2002 e os noviços que professaram no ano seguinte, 2003, é de 137 noviços. Este número é colocado na linha “noviços saídos” relativos a 2002. Em 2012 entraram 480 noviços; mas saberemos os números dos neoprofessos e, portanto, dos noviços que saíram, no final de 2013.

[\[4\]](#) Para a leitura das colunas relativas às dispensas do celibato, secularizações e demissões, os números não se referem àqueles para os quais foi apresentado pedido num determinado ano, mas àqueles cuja prática foi concluída num determinado ano.

[\[5\]](#) Cf. E. Bianchi, *Vita Religiosa e Vocazioni oggi in Europa Occidentale*, Reflexão feita a 150 jesuítas reunidos em Bruxelas em 1º de maio de 2007.

[\[6\]](#) “Responder ao chamado significa viver em atitude de formação” (*O Projeto de Vida dos Salesianos de Dom Bosco*. Guia à leitura das Constituições salesianas, Roma 1986, p. 682).

[\[7\]](#) *A Formação dos Salesianos de Dom Bosco* [FSDB], Roma 2000, 1.

[8] Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica (CIVCSVA), *Partir de Cristo*, Roma 2002, n. 22.

[9] *Critérios e normas de discernimento vocacional salesiano* [Suplemento de FSDB], 30

[10] Juan J. Bartolomé, “La Llamada de Dios. Una reflexión bíblica sobre la vocación”: *Misión Joven* 131 (1987) 6.

[11] Bento XVI, *Caritas in veritate*, 1.

[12] “A oração cristã autêntica inclui a vida inteira de quem reza... Aproximando-se dos fatos cotidianos que, confrontados com os acontecimentos sociais e históricos, podem parecer de pequena importância, o salesiano descobre valores que estão na própria realidade e tornam explícita a sua pertença aos planos de Deus. Todas as situações podem ser transformadas em oração, contanto que se convertam em experiência teologal” (*O Diretor Salesiano. Um ministério para animação e governo da comunidade local*, Roma 1986, 209-210)

[13] E. Viganò, “Dar força aos irmãos”, *ACG* 295 (1980), p. 26.

[14] Cf. FSDB, 7.

[15] CG23, 95.

[16] FSDB, 29.

[17] FSDB, 4.

[18] Cf. FSDB, 25.

[19] FSDB, 41.

[20] CIVCSVA, *Partir de Cristo*, 15.

[21] FSDB, 41.

[22] Cf. CGS, 45-49.

[23] A Exortação Apostólica *Vita Consecrata* fala de uma “especial comunhão de amor com Cristo” (VC, 15).

[24] FSDB, 30.

[25] CGE, *Apresentação do Reitor-Mor*, 31 de janeiro de 1972, pag. xv.

[26] “Inspirando-se no exemplo e nos ensinamentos de Dom Bosco, o salesiano vive a experiência espiritual, pedagógica e pastoral do Sistema Preventivo. Seu relacionamento com os jovens caracteriza-se pela cordialidade e por uma presença ativa e amiga, que lhes favorece o protagonismo. Assume com alegria as fadigas e os sacrifícios que o seu convívio com os jovens implica, convencido de nele encontrar o seu caminho de santidade” (FSDB, 32).

[27] FSDB, 42.

[28] FSDB, 33. “A vocação salesiana não é concebível sem a comunhão concretizada na vida comum dos sócios. O vínculo comunitário entre os sócios é constituído pelo seu viver e agir como salesianos” (*O Projeto de vida dos Salesianos de Dom Bosco*, p. 408).

[29] FSDB, 33.

[30] FSDB, 219.

[31] FSDB, 91.

[32] Cf. VC, 96; CG24, 152.

[33] FSDB, 34.

[34] FSDB, 35.

[35] FSDB, 35.

[36] CG24, 138.

[37] FSDB, 45.

[38] FSDB, 82.

[39] *O Projeto de vida dos Salesianos de Dom Bosco*, p. 120.

[40] “O nosso modo de viver a pertença à Igreja e contribuir para a sua edificação consiste em ser Salesianos genuínos e fiéis. A nossa contribuição consiste em ser, sobretudo, nós mesmos” (*O Projeto de Vida dos Salesianos de Dom Bosco*, p. 122).

[41] Cf. FSDB, 83.

[42] FSDB, 42.

[43] FSDB, 37.

[44] FSDB, 43.

[45] FSDB, 205.

[46] FSDB, 1.

[47] “Dócil ao Espírito Santo, desenvolve suas aptidões e os dons da graça num esforço constante de conversão e renovação” (Const. 99). Cf. CRIS, *Los elementos esenciales de la enseñanza de la Iglesia sobre la vida religiosa* (1983), 47.

[48] FSDB, 206. A formação “é certamente dom do Espírito, mas é favorecida por uma pedagogia adequada” (FSDB, 209).

[49] FSDB, 208.

[50] “A identificação vocacional se realiza no coração da pessoa, no nível mais íntimo de afetos, sentimentos, convicções, motivações, não se limitando à assunção ou transmissão de conteúdos e comportamentos. “A formação deverá, pois, *atingir em profundidade a própria pessoa*, de tal modo que

cada uma das suas atitudes ou gestos, tanto nos momentos importantes quanto nas circunstâncias ordinárias da vida possa revelar a sua pertença total e feliz a Deus” (Cf. *Const.* 98)” (FSDB, 208).

[51] “Só quando *o salesiano se deixa interpelar por Deus no profundo do seu coração*, ele se identifica, a partir de dentro, com os critérios e os valores vocacionais, e sabe renunciar às atitudes que se lhe opõem, fundamenta o próprio projeto e unifica a própria vida ao redor de motivações verdadeiras e autênticas, só então é que a formação alcança seu objetivo fundamental” (FSDB, 209).

[52] “Mais do que um texto a atuar, *o projeto é expressão e instrumento de uma comunidade que quer agir em comum* a serviço do itinerário formativo de cada irmão” (FSDB, 213)

[53] FSDB, 210.

[54] “Os conteúdos, as experiências, as atitudes, as atividades, os momentos fortes devem ser pensados, programados e orientados segundo o objetivo de cada fase e de toda a formação, por meio de uma pedagogia que supere o perigo da fragmentação, do improvisado ou de um agir sem finalidade e dispersivo” (FSDB, 212).

[55] “*É tarefa do salesiano* assumir desde o início uma clara atitude formativa, compreender os objetivos do inteiro processo e de cada momento, viver a passagem de uma fase a outra assumindo responsabilmente as finalidades do novo momento formativo, traçar metas e percursos concretos, verificar e partilhar a realização do projeto formativo pessoal. *É tarefa dos formadores* assumir e traduzir as indicações do projeto inspetorial e fazer com que o candidato se aproprie da proposta formativa que ele vive em comunidade e com responsabilidade” (FSDB, 213).

[56] FSDB, 212.

[57] “Dom Bosco educador cultivou o relacionamento pessoal, mas aparece, sobretudo, como formador de um ambiente rico de relacionamentos e figuras educativas, de propostas e estímulos (momentos, intervenções, ritmos, celebrações, etc.), criador de um estilo e de uma pedagogia de vida, comunicador de um projeto para viver juntos, animador de uma comunidade com fisionomia clara e pontos de referência estabelecidos. A Comunidade de Valdocco, moldada segundo o Sistema Preventivo, oferece um ambiente acolhedor, orienta, acompanha, estimula e exige” (FSDB, 219).

[58] João Paulo II, Exortação Apostólica *Pastores dabo vobis*, Roma 1992, 69. Cf. CIVCSVA, *Partir de Cristo*, 46; CIVCSVA, *Potissimum institutioni*, Roma, 2 de fevereiro de 1990, 29.

[59] FSDB, 216. “Nele delinea cada irmão o tipo de salesiano que se sente chamado a ser e o caminho para realizá-lo, em sintonia sempre com os valores salesianos; verifica periodicamente – em diálogo com o Diretor – o progresso na consecução de tal objetivo” (*Ibidem*).

[60] FSDB, 221.

[61] *Pastores dabo vobis*, 42.

[62] Cf. *Pastores dabo vobis*, 60. “Em clima de corresponsabilidade, todos se empenham por viver juntos, valores, objetivos, experiências e métodos formativos, programando, verificando e adequando periodicamente a própria vida, o próprio trabalho e as experiências apostólicas às exigências da vocação” (FSDB, 222).

[63] “Para estimular a contribuição de todos, favorecem o envolvimento na elaboração do projeto comunitário e da programação, o trabalho de grupo, a revisão de vida e as outras formas articuladas de encontro e de participação. Cada membro assume algum serviço útil à vida da comunidade e ao crescimento da comunhão” (FSDB, 223).

[64] Cf. FSDB, 222. Cf. *Ivi* 234-239.

[65] FSDB, 233.

[66] FSDB, 231.

[67] FSDB, 233. “É seu encargo principal acompanhar cada irmão, ajudá-lo a compreender e assumir a fase formativa que está vivendo. Mantém com ele diálogo frequente e cordial, esforça-se por conhecer suas qualidades, sabe fazer propostas claras e exigentes e indicar metas adequadas, apoia e orienta nos momentos de dificuldade, verifica junto a caminhada formativa” (*Ibidem*).

[68] FSDB, 233.

[69] FSDB, 227. É evidente que o que se busca com estas orientações é criar uma atmosfera em que já se viva o que se apresenta como ideal nas casas de formação, traduza-se em realidade o que se prometeu na profissão pública. A vida cotidiana da Inspeção, a qualidade da sua vida consagrada e a eficácia da sua missão apostólica, são condições indispensáveis para a qualidade formativa de uma Inspeção, embora aceitando a distância que possa existir entre o ideal proposto e a realidade vivida.

[70] FSDB, 226.

[71] FSDB, 251.

[72] FSDB, 251.

[73] FSDB, 252.

[74] FSDB, 253.

[75] FSDB, 254.

[76] FSDB, 255. “As relações desagradáveis, as situações de conflito não resolvidas oportunamente através da reconciliação agem no interior da pessoa bloqueando o processo de amadurecimento e criando dificuldades para a mesma entrega serena e alegre à missão e a Deus” (J. E. Vecchi, “Especialistas, testemunhas e artífices de comunhão”, ACG 363 [1998], p. 31).

[77] FSDB, 257.

[78] FSDB, 258. “A falta de acompanhamento ou um acompanhamento que não vai à profundidade ou é descontínuo podem pôr seriamente em risco toda a ação formativa” (*Ibidem*).

[79] FSDB, 259.

[80] FSDB, 261.

[81] FSDB, 261.

[82] FSDB, 262.

[83] FSDB, 262.

[84] FSDB, 263.

[85] Pelo interesse que reveste, vale a pena citar o que é exigido dos *outros formadores*: “disponibilidade e dedicação; a consciência de serem mediadores da ação de Deus, do ministério da Igreja, da *mens* da Congregação. São, além disso, indispensáveis... uma atitude espiritual e uma perspectiva de fé, a ótica da vocação salesiana e, portanto, o conhecimento dos critérios para discerni-la e das condições para vivê-la, uma sensibilidade pedagógica que favoreça o clima de liberdade e a atenção à pessoa e ao seu ritmo de amadurecimento, algumas habilitações específicas referentes quer à dimensão humana quer à pedagogia espiritual” (FSDB, 264).

[86] FSDB 265. “Desde o pré-noviciado está consciente de que a caminhada vocacional é em primeiro lugar obra de Deus, que ‘se serve da mediação humana’ (VC 66); que a formação salesiana é diálogo sincero e corresponsável com a comunidade portadora do carisma; que a autoformação não quer dizer autossuficiência ou caminhada individual” (*Ibidem*).

[87] FSDB, 266.

[88] Cf. P. Chávez, “*Senhor, a quem iremos? Tu tens palavras de vida eterna*” (Jo 6,69). Palavra de Deus e Vida salesiana, ACG 386 [2004], p. 37-38.

[89] *Vita consecrata*, 94.

[90] CIVCSVA, *Partir de Cristo*, 25.

[91] FSDB, 268.

[92] FSDB, 269.

[93] FSDB, 270.

[94] FSDB, 270.

[95] FSDB, 271.

[96] FSDB, 272.

[97] FSDB, 321.

[98] FSDB, 276. Para o acompanhamento dos irmãos em situações especiais, cf. *L’Ispettore Salesiano*, Roma 1987, 390-395; *O Diretor Salesiano. Um ministério para animação e governo da comunidade local*, Roma 1986, 268.

[99] FSDB, 42.

[100] CIVCSVA, *Partir de Cristo*, 15. Cf. *Vita consecrata*, 65.

[101] FSDB, 520.

[102] CIVCSVA, *Partir de Cristo*, 9.

[103] FSDB, 308.

[104] CIVCSVA, *Partir de Cristo*, 15.

[105] FSDB, 309.

[106] “Somente haverá novidade de vida se a formação permanente conseguir ser o novo modo de ser da vida consagrada, o novo modo de pensar dos consagrados. Se quisermos que acabe o escândalo dos consagrados apagados e sem entusiasmo, rígidos e autossuficientes em suas certezas, insensíveis e frios diante de qualquer estímulo, a formação permanente é o caminho obrigatório para sair desta situação”.

[107] FSDB, 5.

[108] CIVCSVA, *Partir de Cristo*, 14. Cf. CIVCSVA, *Diretrizes sobre a formação nos Institutos Religiosos, Potissimum institutioni*, Roma, 2 de fevereiro de 1990, 1.

[109] J. E. Vecchi, “‘Eu por vós estudo...’ (Const. 14) A preparação adequada dos irmãos e a qualidade do nosso trabalho educativo” ACG 361 [1997], p. 6.

[110] J. E. Vecchi, *ibidem* p. 25. “Devemos não só administrar as crises, mas semear para o futuro” (*ivi* p. 35).

[111] CG24, 248.

[112] Cf. *Partir de Cristo*, 46.